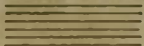


THEATRO BRASILEIRO  Numero 13

Vida e Morte



 3
actos
de
Arthur
Azevedo

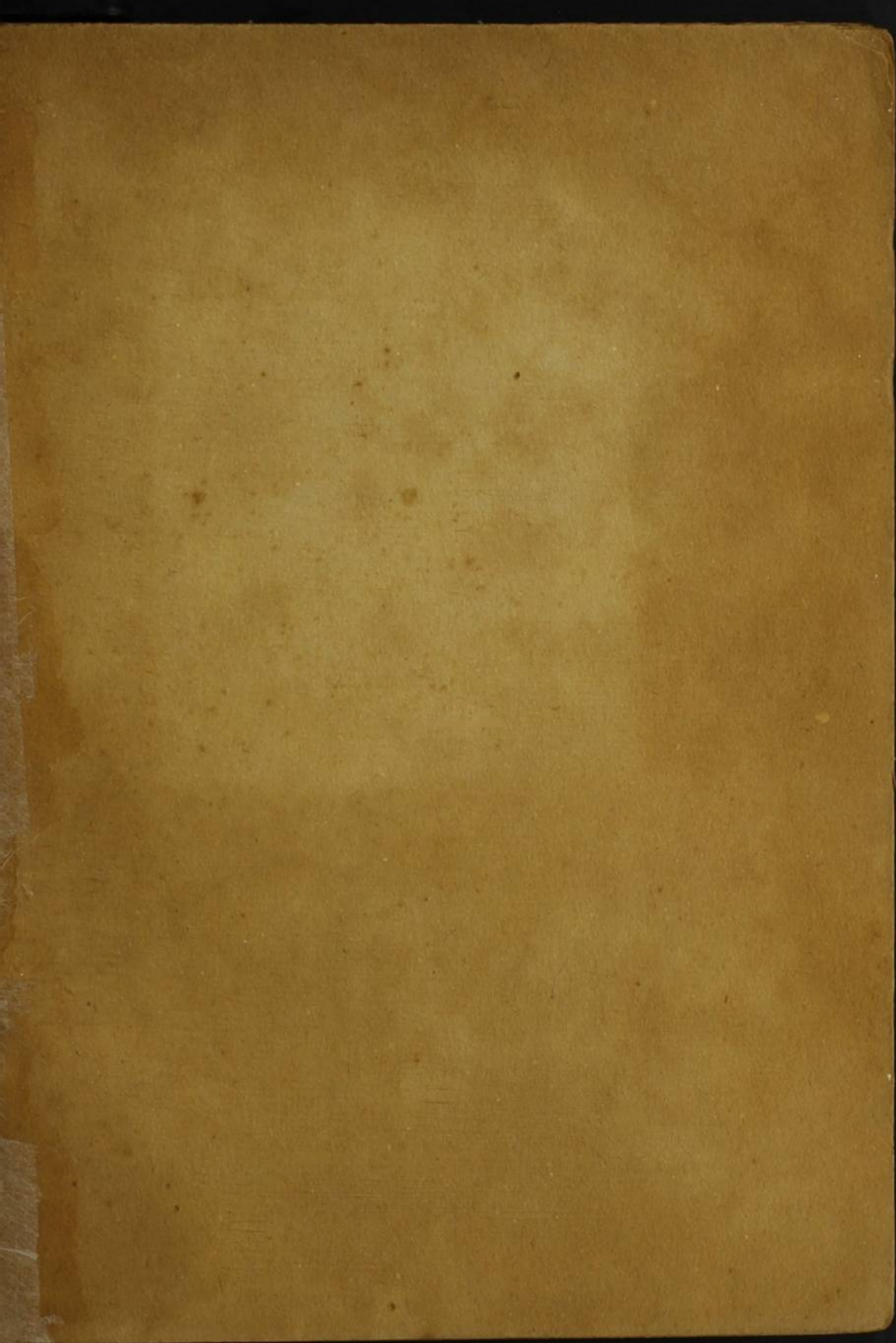
Edição da Sociedade Brasileira de Autores Theatraes

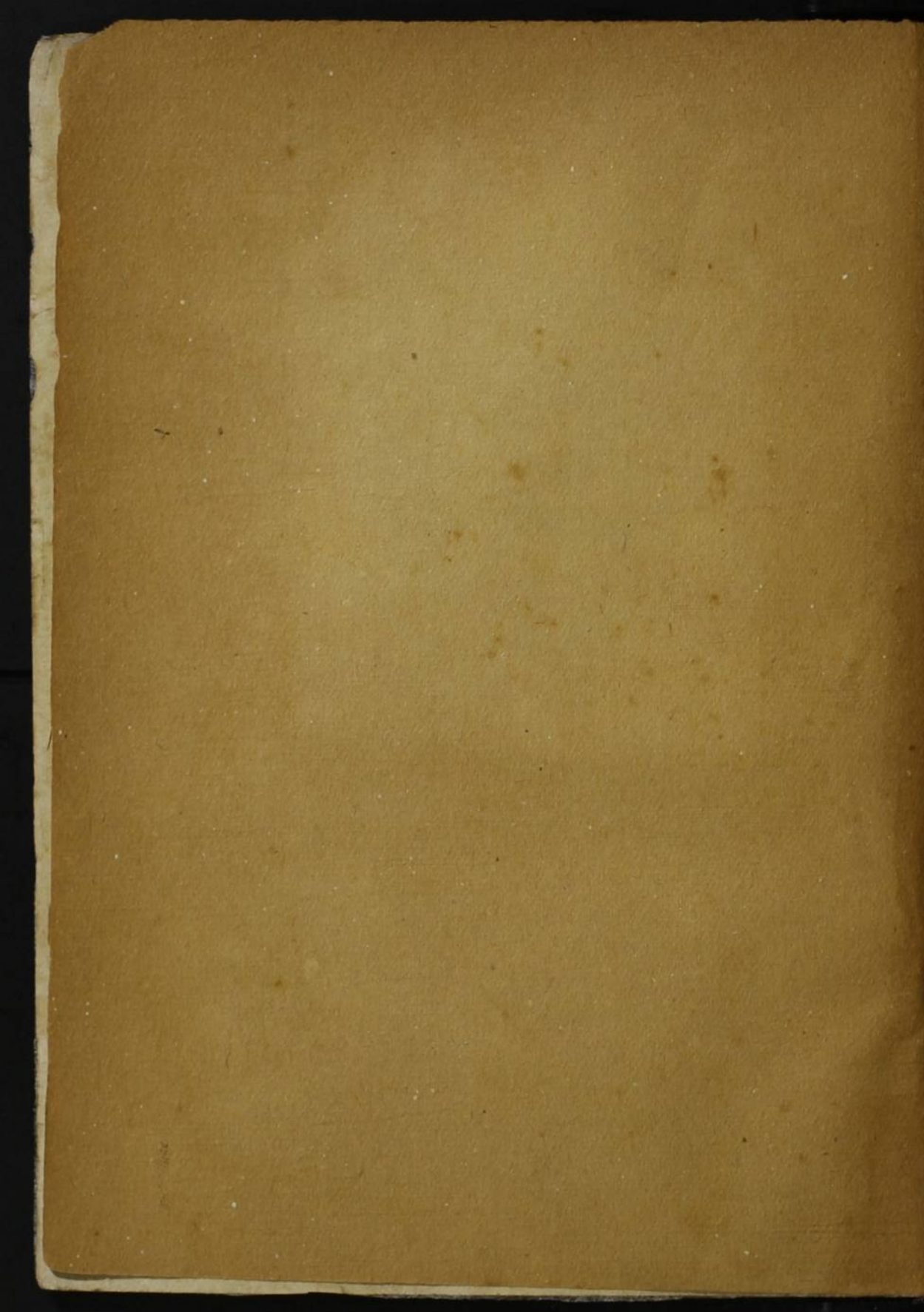
le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





ARTHUR AZEVEDO

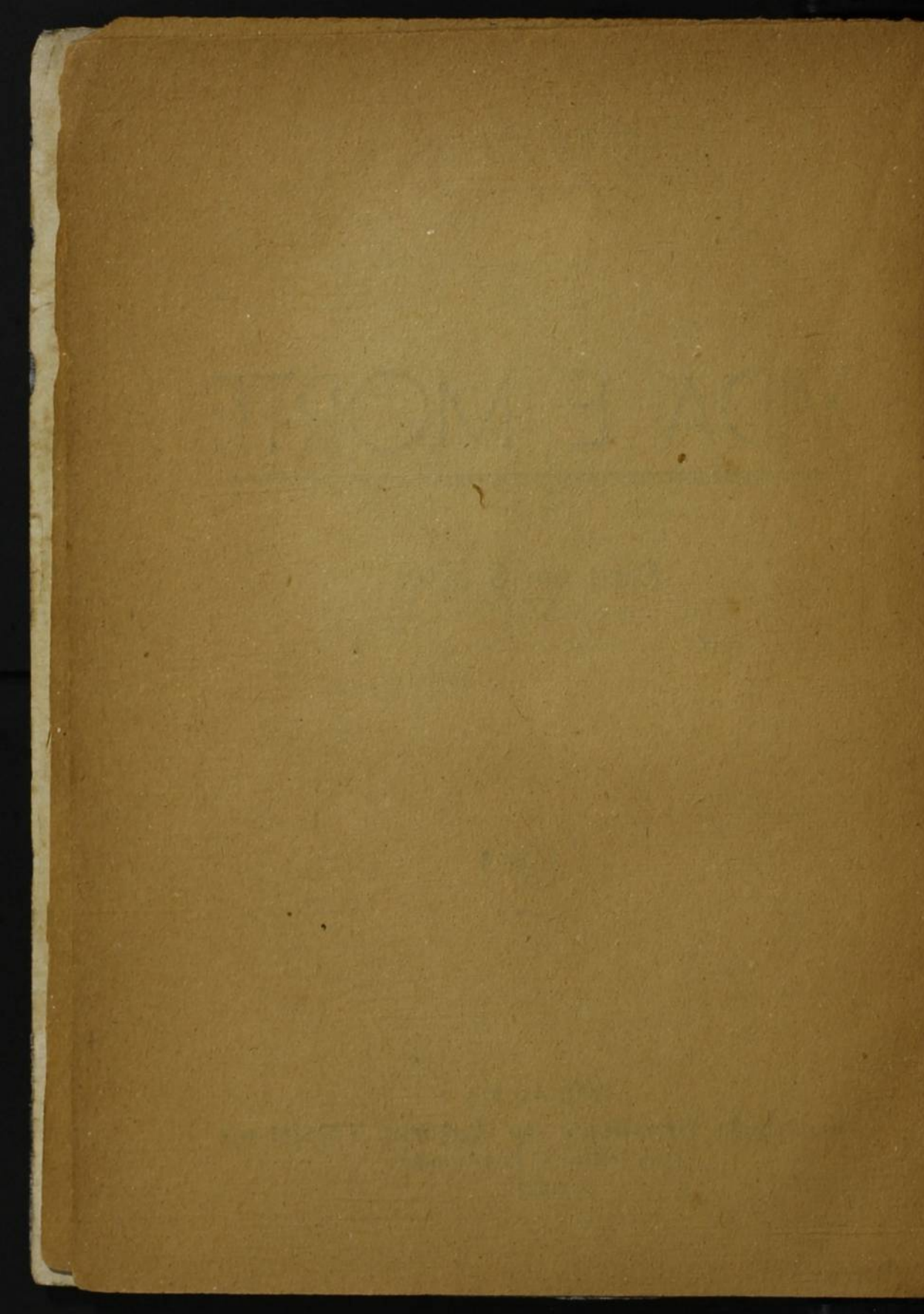
VIDA E MORTE

Peça em 3 actos



EDIÇÃO DA
Sociedade Brasileira de Autores Theatraes
Rua Pedro I, 7 - 1.º andar

— 1932 —



PERSONAGENS

VALDEZ
MARCELLO
NOGUEIRA
DR. LEMOS
MANOEL
DR. TIMOTHEO
UM CREADO
UM COPEIRO
DOIS CARREGADORES
ADOSINDA
ESTHER
NAIR
BERTHA
NARCISA

A acção passa-se no Rio de Janeiro — Actualidade

De accordo com a lei, a unica autorisada
a permittir a representação desta peça é
a SOCIEDADE BRASILEIRA DE AU-
TORES THEATRAES, em nome do autor

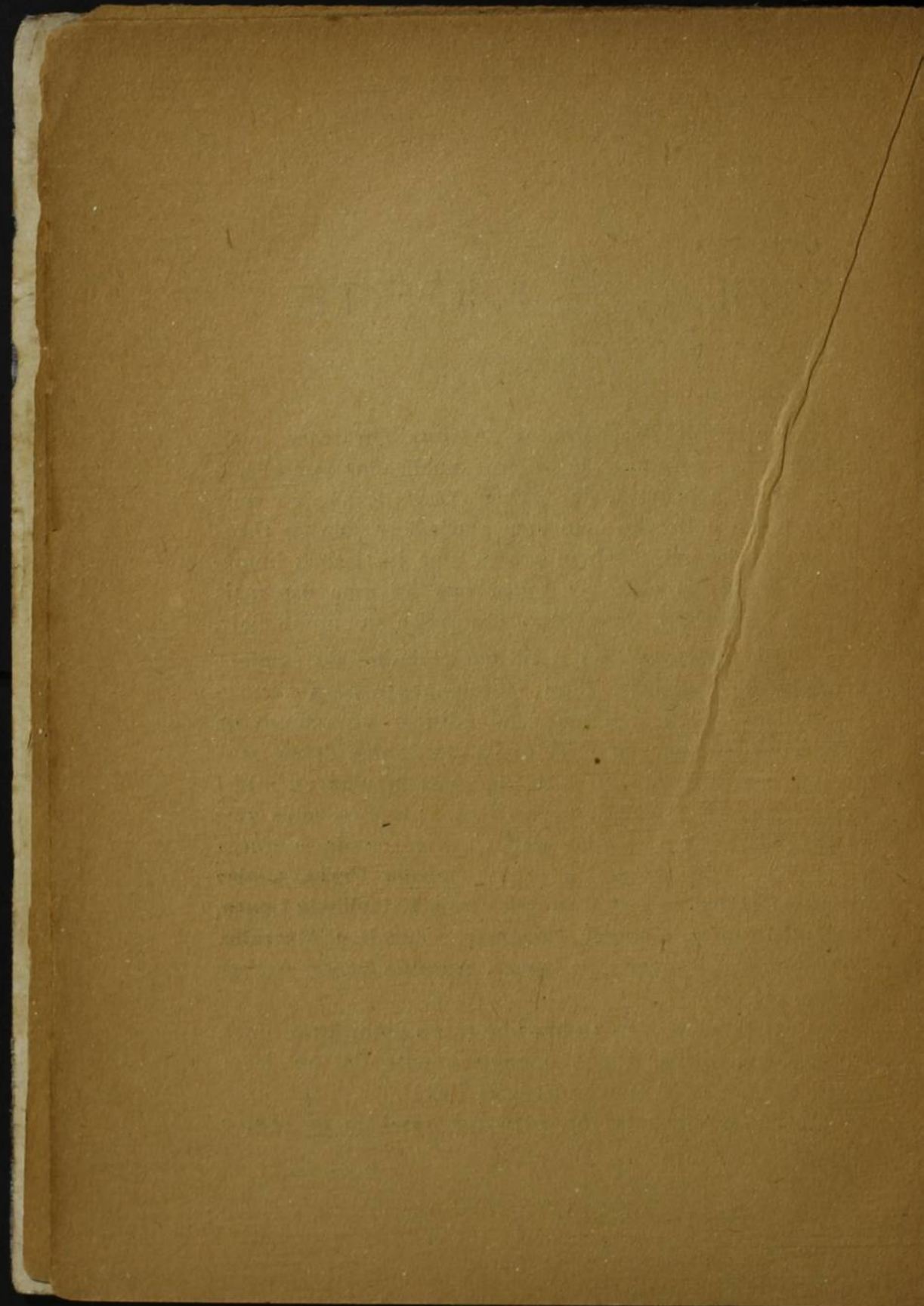
VIDA E MORTE

A Sociedade Brasileira de Autores Theatraes, addicionando aos originaes brasileiros publicados por ella, a peça "Vida e Morte", de Arthur Azevedo, não só enriquece a sua collecção com uma verdadeira joia do theatro nacional como tambem presta uma justissima homenagem á memoria do seu autor que foi uma das mais lidimas expressões da cultura dramatica do nosso paiz.

"Vida e Morte" foi o ultimo trabalho do saudoso escriptor maranhense, feito especialmente para ser representado no theatro mandado edificar no recinto da Exposição Nacional de 1908, onde, em Junho, desse mesmo anno, alcançava um exito dos mais invulgares, interpretada por uma pleiade de artistas, então, os mais afamados no genero, alguns delles, egressos da extincta companhia Dias Braga, a saber: **Lucilia Peres, Cinira Polonio, Nathalina Serra, Julieta Pinto, Estephania Louro, Antonio Ramos, Candido Nazareth, Francisco Marzullo, Alfredo Silva, Ferreira de Souza, Antonio Serra, Arthur Louro**, etc.

A ressurreição dessa obra que tanto dignifica o nosso theatro, constituia, afinal, o cumprimento de um dever a que a S. B. A. T. não se poderia furtar.

Açsim, estamos certos, pensarão tambem os nossos leitores.



Vida e Morte

VIDA E MORTE

PRIMEIRO ACTO

Jardim. Ao centro uma grande mangueira, debaixo da qual estão mesas e cadeiras de ferro. A' direita, perto do proscenio, um banco de ferro."

SCENA I

Manoel e Dr. Lemos

Ao levantar o panno, Manoel acocorado diante de um canteiro, trata das flores, cantarolando.

DR. LEMOS (Entrando) — Adeus, Manoel!

MANOEL (Erguendo-se) — Oh! "sor" Dr. Lemos! (Descem ambos ao proscenio) Como tem passado "vossoria"?

DR. LEMOS — Vamos indo. Por cá estão todos bons?

MANOEL — Graças a Deus! "Vossoria" veio jantar?

DR. LEMOS — Era essa a minha intenção, mas tive que jantar ás pressas, porque estou agora tratando de uma velha da rua Bambina, — uma velha quasi centenaria, que me tem dado agua pela barba. E' de uma vitalidade inverosimil! Tenho que lá voltar ainda hoje, mas creio que será para passar o attestado de obito.

MANOEL — Se não tivesse jantado, "vossoria" ainda vinha a tempo. Estão á mesa.

DR. LEMOS — Vim simplesmente cumprimentar a minha afilhada, que faz annos hoje.

MANOEL — E' verdade. Ah! vossoria nunca se esquece! Eu estava a dizer com os meus botões: "Não tarda por ahi o "sor" doutor Lemos", quando "vossoria" appareceu.

DR. LEMOS — Sou muito amigo da minha afilhada.

MANOEL — E ella merece-o porque é um anjo!

DR. LEMOS — Você é suspeito.

MANOEL — Talvez. Vi-a nascer e crescer como se fosse uma das minhas plantas, e durante dezoito annos — olhe que não são dezoito dias, ella tem sido a alegria destes canteiros e a minha! “Vossoria” não se lembra de quando estive muito doente vae haver tres annos pelo Natál? Ella não consentiu que eu fosse para a ordem. “Não, meu pobre Manoel, não quero que saias d’aqui... has de ser tratado por meu padrinho”. Fez-se minha enfermeira e cuidou de mim com o mesmo desvelo com que cuidaria do seu proprio pae! A ella e a “vossoria” devo, abaixo de Deus, o ainda aqui estar regando estas flores!

DR. LEMOS — A ella... a ella principalmente, Manoel, porque a sua cura dependia mais da sciencia dos cuidados que dos cuidados da sciencia.

MANOEL — Mas não foi preciso contrahir essa divida de gratidão para que eu a amasse... Antes disso já lhe queria tanto, tanto, que nem mesmo sei como se possa querer bem assim a uma creatura que não é coisa nossa! Se fôr preciso morrer por ella, morrerei com todo o prazer! Mas “vossoria” porque não se senta? Estão acabando de jantar, e o café, como é costume nestes dias compridos, será tomado aqui no jardim.

DR. LEMOS (*Sentando-se*) — Está muita gente a jantar?

MANOEL — Não, senhor; depois que falleceu a patrôa, que Deus haja, nunca mais o “sor” commendador deu festas nem convidou ninguem para jantar. Quando elle faz annos, ou a menina, recebe-se quem apparece, mas não se convida ninguem, e o jantar é ás mesmas horas que nos outros dias. Estão á mesa apenas (**Contando de memoria**) uma... duas... sete pessoas de fóra. O senhor Marcelo, o grande amigo da casa, que esse não falha aqui um dia por semana, haja o tempo que houver...

DR. LEMOS — Dizem-me que está doente...

MANOEL — Muito doente. Pelos modos tuberculoso. E’ pena. Se não fôsse isso, ahi estava um bom

marido para a menina... que infelizmente anda "enrabiada" pelo tal Nogueira... que tambem veio hoje cá jantar.

DR. LEMOS — Minha afilhada escreveu-me, participando que esse senhor Nogueira viria pedil-a hoje em casamento.

MANOEL — De facto, elle chegou muito antes da hora de jantar, todo aparamentado, e esteve muito tempo a conversar com o "sôr" commendador... Mas eu cá prometti uma vela ao meu patrono, São Maneol para que tal casamento não se realise!

DR. LEMOS — Porque?

MANOEL — Porque?... Porque não sympathiso com o tal janota. Desconfio que elle... Enfim, póde ser que fosse outro... e afinal de contas nada sei que o desabone... mas tem um todo que não me entra... Preferia que o noivo da menina fosse outro qualquer!

DR. LEMOS — Isso são ciumes!

MANOEL — Serão, serão; mas eu não os teria, talvez, se o noivo fosse, por exemplo, o senhor Marcello, se estivesse bom. O "sor" commendador fez tudo para tirar esses amores da cabeça da menina, que tambem a elle não cheira o pretendente. Não conseguiu nada... mas faltavam-me as razões: quando a menina me perguntava: "Sabes de alguma coisa contra elle"? eu olhava estupidamente para ella, e não sabia o que responder. Sim, porque não tinha certeza cá de uma coisa... e ella então dizia o mesmo que "vossoria" acaba de dizer: "Isso são ciumes". Vá lá uma pessoa indagar porque sympathisa ou antipathisa! No mesmo tinhorão ha folhas sympathicas e folhas antipathicas!

DR. LEMOS (**Sorrindo**) — Quem mais veio jantar?

MANOEL — O doutor Timotheo e a senhora, uma lambisgoia que anda na bocca do mundo, e a quem o "sor" commendador não abriria a porta se ella não viesse pelo braço do marido. — Será possível que o doutor Timotheo não saiba que mulhersinha tem?

DR. LEMOS — Como medico o doutor Timotheo é muito ignorante; como marido não sei.

MANOEL — Enfim, cada um lá sabe da sua vida. Vieram tambem tres moças que foram companheiras do

collegio e são muito amigas da menina. Ahi chegam elles! (*Afasta-se para o fundo e lança um olhar de raiva a Nogueira quando este entra. Depois desaparece.*)

SCENA II

Dr. Lemos, Valdez, Marcello, Adosinda, Nogueira, Dr. Timotheo, Esther, Nair, Bertha e Narcisa

DR. TIMOTHEO — Tem toda a razão, commendador: o café sabe melhor tomado debaixo desta mangueira! (*Vendo o Dr. Lemos*) Oh! meu caro collega e mestre doutor Lemos!... (*vae apertar-lhe a mão*).

VALDEZ (*Approximando-se de Lemos, apertando-lhe a mão*) — Chegaste agora?

DR. LEMOS — Ha pouco.

VALDEZ — Já jantaste?

DR. LEMOS — Já! Não quiz entrar. Preferi esperal-os aqui. (*Vão todos cumprimentar o Dr. Lemos*).

ADOSINDA — Bençam, padrinho?

DR. LEMOS (*Beijando-lhe a fronte*) — Deus te faça feliz! (*Baixinho*) Então? Foste pedida?...

ADOSINDA — Fui.

DR. LEMOS — Mas com que cara dizes isso! Suppunha encontrar-te mais alegre!

ADOSINDA — Deve ser a commoção.

DR. LEMOS (*Tirando um pequeno embrulho da algibeira e dando-lh'o*). — Toma.

ADOSINDA — Outra?! O padrinho tem-me enchido de joias! Bastava uma flor!

DR. LEMOS — O Manoel não me perdoaria. Elle não admite nesta casa outra flor que não seja tu e não sejam as delle.

ADOSINDA (*Que tem desembrolhado a joia*) — Que linda! (*Dá um beijo e um abraço no padrinho e corre ás amigas*) Vejam!

NAIR — E' lindissima!

BERTHA — A prima Ninica tem uma egualsinha.

NARCISA — Teu padrinho teve muito gosto! (*Entra o creado. As moças formam ao centro um grupo examinando a joia. Marcello que deve ter o aspecto de*

um tuberculoso, parece prestar grande atenção ao que se passa entre Nogueira e Esther. Valdez, o Dr. Lemos, e o Dr. Timotheo conversam, formando um grupo á esquerda. Entra um copeiro com uma bandeja de café e licores, que colloca sobre a mesa. Adosinda vae pôr o café nas chicaras. Esther aproxima-se de Nogueira, que fuma o seu charuto, sentado ao banco á direita).

ESTHER (*Disfarçadamente a Nogueira*) — Ainda não consegui falar-lhe. O senhor evitou-me durante toda a tarde. Porque não ficou ao pé de mim quando fomos para a mesa?

NOGUEIRA (*Sem olhar para ella*) — Cuidado! seu marido pode desconfiar...

ESTHER (*Rapidamente*) — Constou-me que o senhor vinha hoje pedir Adosinda em casamento. Foi o que o trouxe aqui. Aconselho-o a que o não faça!

NOGUEIRA (*Tranquillamente*) — Porque?

ESTHER — Darei um escandalo!

NOGUEIRA — Um escandalo de que especie?

ESTHER — Direi a toda a gente que o senhor é meu amante!

NOGUEIRA — E quaes serão as consequencias dessa loucura?

ESTHER — Não sei! Uma mulher apaixonada, como eu, não mede consequencias! Diga-me com franqueza: vae pedir a mão de Adosinda?

NOGUEIRA — Não.

ESTHER (*Alegre*) — Ah!

NOGUEIRA — Não vou pedir-a porque já a pedi antes de jantar. Vamos! Grite que é minha amante! ... Quero ver isso! ...

ADOSINDA (*Approximando-se com duas chicaras de café que offerece a Esther e Nogueira*) — Querem licor?

ESTHER — Obrigada.

NOGUEIRA — Quero, mas não se incommode. Eu mesmo me servirei. (*Adosinda vae servir os outros*).

DR. TIMOTHEO (*Approximando-se de Esther e de Nogueira*) — Que tem você, Esther? Parece-me agitada!

NOGUEIRA (*Sorvendo tranquillamente o café*) — Creio que sua senhora deseja fazer-lhe uma revelação.

DR. TIMOTHEO — Uma revelação? A que respeito?

NOGUEIRA — Parece que ella está apaixonada.

DR. TIMOTHEO — Não diga o resto! Já sei o que é!

NOGUEIRA — Ah! sabe?

DR. TIMOTHEO — A mim ninguém me engana: Tenho olhos de medico! Minha mulher está apaixonada por um chapéo que vio numa vitrine! (**volta-se para Esther**) Socega que hoje mesmo o encontrarás em casa. Já está pago. Tambem é o que nos vale, a nós, maridos... o socego de espirito, a harmonia do lar, a felicidade conjugal, tudo se consegue com um vestido... uma joia... ou um chapéo! (**Ao Dr. Lemos, que se aproxima**) Repare illustre collega e mestre, que os maridos infelizes, ou, pelo menos apoquentados, são os que não tem recursos para os caprichos da moda!

DR. LEMOS — A observação não é exacta. Ha muito marido pobre que é feliz... Nem todas as mulheres pensam que a felicidade está nas joias e nos armarinhos. (**Vae ter com Valdez**).

DR. TIMOTHEO (**A Nogueira**) — Sabe o que me disse hoje pela manhã esta senhora... quando sahi de casa? Disse-me... (**A Esther**) Digo?

ESTHER (**Com um arremesso**) — Ah!...

DR. TIMOTHEO — Disse-me que se eu lhe não comprasse hoje o chapéo, daria um escandalo. Tolinha!

NOGUEIRA — Tranquillise-se, doutor; as mulheres nunca dão os escandalos com que ameaçam os homens. (**Marcello que passava, passeando, ouve essa phrase que o impressiona**) Não creia nos escandalos que se annunciam. (**Esther lança um olhar de raiva a Nogueira que lhe toma a chicara das mãos e vae collocar-a sobre a mesa, onde se demora a conversar com as moças e a tomar licor. Marcello vae sentar-se tristemente á esquerda**).

ESTHER — Embirro com este homem!

DR. TIMOTHEO — Sempre embirraste com elle, mas sem razão: é um bom rapaz.

ESTHER — E aquillo que você me disse? Realizou-se?

DR. TIMOTHEO — Aquillo que?

ESTHER — Elle pediria Adosinda?

DR. TIMOTHEO — Creio que sim... mas é exquisito: acho-os um tanto irios... e durante o jantar não se falou nisso... nem ao menos se bebeu á saude dos noivos! (Esther sobe; Valdez aproxima-se do Dr. Timotheo; Marcello, sempre sentado, presta muita attenção ao dialogo).

VALDEZ (Ao Dr. Timotheo) — Diga-me, Dr. Timotheo: não acha o Marcello mais triste que nos outros dias? Ainda não o vi hoje sorrir... e á mesa não me deu palavra!

DR. TIMOTHEO — Deve ser o resultado da visita que hontem me fez no consultorio. Pedio-me que lhe falasse com toda a franqueza, e eu falei-lhe!

VALDEZ — Como assim?

DR. TIMOTHEO — Desenganei-o!

VALDEZ — Oh!

DR. TIMOTHEO — Disse-lhe o que lhe devia dizer: que elle pouco tempo tem de vida, e que trate de pôr os seus negocios em ordem.

VALDEZ — Mas que negocios? O Marcello não tem... nunca teve negocios, e é viuvo sem filhos.

DR. TIMOTHEO — Se o desenganei foi porque eile insistio... quiz saber ao certo o seu estado! E o seu estado é deploravel!

VALDEZ — E' então um caso perdido? O doutor não se terá enganado?

DR. TIMOTHEO — Que diabo! Eu sou especialista em molestias do peito. O caso do nosso Marcello é typicamente o de um phymatoso em terceiro periodo. A ausculta do pulmão revela um ruido caracteristico de pote rachado e mais o sopro cavernoso, o sopro amphorico, a pectoriloquia! Tem finalmenet, em todos os seus traços, o "habitus phymaticus". E' um homem morto.

VALDEZ — Pobre Marcello!

DR. TIMOTHEO — E' muito seu amigo, isso é.

VALDEZ (Commovidissimo) — Eu era caixeiro do pae quando nasceu. Foi meu companheiro desde pequenino, e, crescendo, sempre me considerou como uma especie de irmão mais velho... (pausa) Conheço-o profundamente: é um forte... provou-o quando perdeu a

esposa, que adorava, e noutras situações terríveis da sua vida... E 'um forte mas receio que a certeza, em que agora está, do seu estado, lhe abrevie a existencia.

DR. TIMOTHEO — Engana-se, commendador. Nenhum doente morreu mais cedo por ter sido desenganado pelo medico. Se isso pudesse influir nalguma coisa, seria em favor do organismo, pois em regra os enfermos desenganados, tem muito mais cuidado comsigo, e, muito embora seja desigual esse duello entre a vida e a morte, a vida algumas vezes vence. Infelizmente o caso do nosso Marcello é desesperado: examinei-o minuciosamente... As suas hemoptyses são devidas a congestões periphimicas ou paraphinicas, ou tambem ao rompimento de arteriolas nas cavernas e caverniculas do pulmão!

VALDEZ — Pudesse eu dar-lhe um pouco da minha vida!

DR. TIMOTHEO — Se nos fosse permittida essa especie de sacrificio, o nosso egoismo se mostraria ainda mais feroz. — A vida é uma bella coisa, commendador! Eu tenho muita vida... goso de uma saude inverosimil e conto chegar aos cem annos; pois bem: não cederia a ninguem um minuto, um segundo sequer da minha existencia!... O que me dsegosta é não ser rico... Ah! se morresse o meu tio da Bahia!... Mas qual!... O velho tem, como eu, amor á vida, e não parece disposto a bater a bota nestes vinte annos mais proximos!...

DR. LEMOS (*Que tem estado ao fundo a despedir-se da afilhada e dos demais presentes, aproxima-se de Valdez e do Dr. Timotheo. A Valdez*) — Vou-me raspando... tenho ainda que passar pela velha da Rua Bambina, que a esta hora já deve ter batido a bota segundo a expressão do doutor Timotheo. (*Ao Dr. Timotheo*) Adeus collega!

DR. TIMOTHEO — Illustre mestre, sempre ao seu dispor. (*Indo ao fundo*) Minhas senhoras, proponho um passeio hygienico em volta da chacara. Valeu?

AS MOÇAS — Valeu! Valeu!

NAIR — Bôa noite, doutor!

BERTHA — Vamos, Adosinda!

NARCISA — Não se dá o braço, porque os cavalheiros são dois e as damas cinco.

ADOSINDA — Não quer vir, Marcello? (*Marcello*

sempre sentado, abana a cabeça sorrindo) Não quer vir meu pae?

VALDEZ — Vão indo.

AS MOÇAS — Vamos. (Saem pelo fundo, Adosinda, Esther, Nair, Bertha, Narcisa, Nogueira e Timotheo).

SCENA III

Valdez, Dr. Lemos e Marcello

DR. LEMOS — Parece-me que o nosso Marcello está bem doente.

VALDEZ — Deixa-me... Estou aqui atordoado por uma noticia que me acaba de dar o teu collega Timotheo.

DR. LEMOS — Sim?

VALDEZ — O pobre Marcello foi desenganado por elle...

DR. LEMOS — Terá sido bem examinado?

VALDEZ — Sei lá! Queres tu examinal-o?

DR. LEMOS (**promptamente**) — Não! isso não! elle tem o seu medico de confiança... não se lembrou de mim... não fui chamado... quero ficar no meu canto.

VALDEZ — Olha para elle... Parece um cadaver que espera pelo caixão.

DR. LEMOS (**Sorrindo**) — Não é naquella posição que os cadaveres costumam esperar pelo caixão... O Marcello está vivo e apesar de tão doente, nos póde enterrar a todos, que todos não fazemos neste mundo outra coisa senão esperar pelo caixão... Olha, não quero desfazer no meu collega, mas... quem sabe?... façam uma junta... ou consultem outro medico de mais autoridade. Nesta profissão não se deve desenganar ninguém... não por piedade... mas porque muitas vezes se engana quem desengana. Mas adeus! Adeus! que tenho de ir passar o attestado á velha da Rua Bambina! Passar o attestado! Ora ahi tens tu! Quem sabe se essa macrobia não me verá passar... caminho do cemiterio? (**Valdez sorri**) Adeus!

VALDEZ — Adeus meu velho. (**Dr. Lemos sae**).

SCENA IV

Valdez e Marcello

VALDEZ (*Encaminhando-se para o fundo*). — O Marcello, anda d'ahi dar uma volta!

MARCELLO (*Erguendo-se*) — Não. Fiquemos aqui. Preciso falar-lhe sem testemunhas.

VALDEZ — Falar-me?

MARCELLO — Sim. Tenho que lhe communicar uma idéa grave.

VALDEZ — Nesse caso sentemo-nos. (*Sentam-se*) Sou todo ouvidos.

MARCELLO — O Timotheo desenganou-me... dá-me apenas alguns dias ou alguns mezes de vida... O senhor já sabe disso... ainda agora elle lh'o dizia...

VALDEZ — Ouviste?

MARCELLO — Tenho ouvidos de tisico. Ouvi e ouvi tambem o optimismo do doutor Lemos.

VALDEZ — Mas o Lemos tem razão: o Timotheo não é infalivel, outros medicos mais competentes se enganam.

MARCELLO — O meu caso é dos taes que não enganam a um simples estudante de medicina. Nem o Timotheo me deu novidade alguma. Ha muito tempo que me sinto morrer aos poucos... ha muito tempo que estou conformado com a idéa de apodrecer no fundo de uma cova.

VALDEZ — Mas tu...

MARCELLO — Não fallemos mais nisso. Sei que o afflijo com estas palavras, porque sei quanto o senhor é meu amigo. Se alguma felicidade tive neste mundo, foi a sua amizade, tão grande, tão pura, tão desinteressada, que eu, vendido, não poderia pagar, se se pagasse a amisade.

VALDEZ — Não exageres, Marcello. A minha amizade não poderia ser o que é se não a merecesses.

MARCELLO — Tudo lhe devo. Foi o senhor que fez crescer nas suas mãos honradas o meu patrimonio... foi o senhor o unico amigo que tentou evitar o meu casamento infeliz... e foi na sua amisade que encontrei

consolação quando perdi aquella mulher que me não amava, mas a quem eu adorava. E' na sua casa, e só nella, que tem algum conforto este solitario enfermo.

VALDEZ — Mas onde queres tu chegar?

MARCELLO — Lá vamos. Primeiramente desejo saber ao certo se Adosinda foi hoje pedida pelo Theobaldo Nogueira.

VALDEZ — Infelizmente foi. Tu sabes que não morro de amores por esse moço... E' filho de boa gente... não está mal collocado... mas tem um feitio que me desagrada. Adosinda embellesou-se por elle a ponto de não admittir que eu lhe faça a menor observação. Diz ella que tenho contra elle a mesma prevenção de todos os paes contra os namorados das filhas, embora sejam o ideal. Habitudei-me, principalmente depois de viuvo, a fazer todas as vontades a Adosinda. Coitada! perdeu a mãe tão cedo... viveu tantos annos em Petropolis, no collegio, longe de mim, e depois veio passar nesta casa uma vida tão monotona, em companhia de uma governante, que eu suppunha amenisar-lhe a existencia satisfazendo-lhe todos os caprichos, dobrando-me á sua vontade. Desde pequena me ouvia dizer tantas vezes que só a casaria com o homem que ella escolhesse, fosse quem fosse, que depois de moça pegou na palavra, e metteu-me á cara o Nogueira, e não quer outro marido. Uma rapariga de um bom senso admiravel, mas... que queres tu? está obsedada!

MARCELLO — Se elles se amam, ella será feliz...

VALDEZ — Ella ama-o, não ha duvida... Mas será amada por elle? Parece-me que o senhor Theobaldo Nogueira cahiu das nuvens quando eu, com a velha lealdade que me caracteriza, lhe fiz hoje ver que o commendador Valdez não é o negociante abastado que toda a gente suppõe... que a sua casa, outr'ora florescente, perdeu muito depois que, para acompanhar a corrente moderna, se metteu em especulações desastrosas. Disse-lhe com toda a franqueza que o meu negocio dava ainda sobejamente para a minha vida... que o meu credito era sempre o mesmo... mas que a minha fortuna pessoal estava muito reduzida, e eu comprehendido no grande numero desses capitalistas de fantasia, que na opinião

geral, jogam com milhares de contos de réis, e, na realidade, se vêem, muitas vezes, embaraçados para solverem um pequeno compromisso.

MARCELLO — E que disse elle?

VALDEZ — Ah! disse-me que o seu amor por minha filha nada tinha que ver com a minha fortuna; mas disse-m'o friamente, sem convicção, sem enthusiasmo... E dali por diante... (póde ser que isto seja prevenção minha e não tenha havido da parte d'elle senão discreção e compostura) dali por diante não foi o mesmo homem, e ao jantar, sentado ao lado de Adosinda, não teve a solicitude nem os transportes de um noivo. Tanto assim que, como viste, não bebi á sua saude! (**Adosinda apparece ao fundo. A tarde começa a cahir**).

SCENA V

Os mesmos e Adosinda (ao fundo sem ser vista pelos dois interlocutores)

VALDEZ — Desconfio que Adosinda não será mulher daquelle homem! (**Adosinda estremece**).

MARCELLO (**Erguendo-se**) — Mas póde ser minha mulher!...

VALDEZ (**Erguendo-se**) — Tua?...

MARCELLO — Minha, sim!... Pensei bem nisso. O nosso casamento não altera senão transitoriamente a situação de tua filha. Ella casa-se commigo, e dentro em quinze dias... ou dois mezes... ou tres... estará viuva... e poderá então casar-se com o Theobaldo Nogueira ou com outro qualquer.

VALDEZ — Mas que idéa!

MARCELLO — E' pelo menos, bem intencionada. Eu vou morrer. No momento de deixar este mundo, de quem me posso lembrar senão do senhor e de Adosinda? Eu tenho um herdeiro forçado, meu pae que está no Porto. Mas meu pae tem perto de oitenta annos, não póde durar muito tempo, e a minha fortuna irá toda parar ás mãos de meu irmão, que é um patife, um bandido, que está, dizem, millionario, e de minha irmã que reside em Paris e é uma perdida, uma desgraçada que

sempre me envergonhou. Casando-me eu com Adosinda, ella fica logo com metade dos meus quatrocentos contos, e quando eu morrer, terá mais a terça da outra metade... sessenta e tantos contos, que lhe deixarei com todas as cautelas juridicas para que fiquem bem seguros, sejam inalienaveis. Lembrei-me de fazer testamento, mas o testamento pode dar logar a maledicencia... e pode dar logar tambem a uma demanda. Se meu pae morrer antes de mim — tudo é possível — Adosinda herdará sósinha tudo quanto possuo agora e tudo quanto eu hredar de meu pae. O seu noivo não se opporá, talvez, a uma fortuna da qual participará mais tarde. A situação desse homem será modificada num ponto apenas; em vez de se casar com uma moça solteira, casar-se-á com uma senhora viuva. Viuva... e virgem. E' um caso que não se vê todos os dias, e que espanta, á primeira vista pela sua singularidade, mas não é indecoroso nem ignobil. O senhor tem muito pouco... sua filha é uma moça pobre. Quero dar-lhe os meus contos de réis, e o unico meio de fazel-o com toda a segurança é casar-me com ella!

VALDEZ — Mas não vês tu, se eu acceitasse a tua generosa proposta, e na realidade morresses logo, haviam de dizer por ahi que eu tinha abusado de um agonisante com o espirito entorpecido pela molestia? E depois, Marcello, não creias que Adosinda acceitasse um papel nessa comedia funebre...

ADOSINDA (*Approximando-se*) — Diz bem, meu pae!

VALDEZ — Ah! estavas ahi?

ADOSINDA — Estava, e ouvi tudo. A intenção de Marcello é generosa, mas eu não poderia acceitar o seu offerecimento sem ferir a minha dignidade de mulher e rebaixar-me aos meus proprios olhos!

VALDEZ — Tambem eu assim penso.

MARCELLO — Vocês encaram a coisa atravez do prisma da convenção e do sentimentalismo. Não se trata a rigor de um casamento, mas de uma... operação que torne bem effectiva, bem segura uma doação expontanea, filha unicamente da amisade.

ADOSINDA — Mas esqueceste, Marcello, de que sou noiva?... de que hoje mesmo fui pedida em casamento

por um homem a quem me prendem... juramentos sagrados?

MARCELLO (**Sorrindo**) — Também é sagrada a última vontade de um moribundo...

ADOSINDA — Um homem que, se fugisse de mim, se me abandonasse, me tornaria a mais desgraçada das mulheres? (**a chorar**) um homem que... (**Abraçando Valdez a chorar**) Oh! não, meu pae!... Não quero ser mulher de outro homem senão elle... (**chora convulsivamente**).

MARCELLO — Adosinda, vem cá... ouve... não chores assim!... Ninguém te mette a faca aos peitos!... Não quiz fazer-te chorar... não pensei noutra coisa que não fosse a tua felicidade, quando propuz que te casasses com um cadaver que vale duzentos e tantos contos... mas ouve... pergunta ao teu noivo qual é a sua opinião... sim, porque, uma vez que elle tem direitos adquiridos sobre a tua mão nada se poderia fazer sem a sua acquiescencia. (**Vendo Nogueira que apparece ao fundo**) Ah! elle ali vem a proposito!

SCENA VI

Os mesmos e Nogueira

NOGUEIRA (**Do fundo**) — As senhoras pediram-me que viesse buscar D. Adosinda.

MARCELLO — Faça favor senhor Nogueira!

VALDEZ (**Baixo, querendo impedir**) — Pois tu?...

ADOSINDA (**Baixo**) — Oh! não! não lhe fale nisso!

MARCELLO — Deixem-me! Quando a gente está para morrer vê todas as coisas claro e enxerga longe. Venha cá senhor Nogueira, tratavamos da sua pessoa.

NOGUEIRA (**Approximando-se**) — De mim?

MARCELLO — Senhor Nogueira, eu sou um homem morto! D'aqui a dias... ou daqui a mezes... estarei de casaca, espichado num canapé, com as mãos cruzadas sobre o peito, e á minha cabeceira arderão duas velas de cera entre as quaes um Christo me contemplará misericordiosamente do alto da cruz.

NOGUEIRA — Oh! senhor! que idéa tão sinistra...

MARCELLO — Basta pôr os olhos sobre mim para ver que isto não é uma pilheria nem uma phantasia. Pois bem, senhor Nogueira, eu sou rico e Adosinda o não é. Desejo que, quando eu morrer, ella entre na posse de duzentos e sessenta e tantos contos de réis, mas para isso é preciso que se case commigo. (**Movimento de Nogueira**) Espere! — nem por isso deixará ella de ser sua noiva... em eu fechando os olhos, o senhor tomará conta da sua conquista! (**Longa pausa. Adosinda parece anciosa pela resposta de Nogueira.**)

VALDEZ — Que diz a isto senhor Nogueira?

NOGUEIRA — O senhor comprehende... uma coisa tão grave... apresentada assim tão de improviso...

ADOSINDA (**Comsigo, aterrada**) — Elle hesita!...

MARCELLO — Deite de lado os escrúpulos e mostre-se o que é, o que sempre foi: um homem pratico. E' o senhor de parecer que ella despreze esses contos de réis que a perseguem, que desejam pertencer-lhe, sem exigir o sacrificio da sua honra, nem mesmo o do seu pudor?... sem lhe pedir outra paga que não seja a de fechar os olhos a um velho amigo?

NOGUEIRA (**Resolutamente**) — Não!... positivamente não!... D. Adosinda deve acceitar!

ADOSINDA (**Ferida**) — Ah!

NOGUEIRA (**A Marcello**) — O senhor affiança que morre?

MARCELLO (**Sorrindo**) — Olhe para mim. A vista faz fé.

NOGUEIRA — Deve acceitar! O contrario seria dar um pontapé na fortuna!

ADOSINDA — Que!... pois o senhor consente que eu seja mulher de Marcello?

NOGUEIRA — Sim, porque se trata de um casamento branco.

ADOSINDA — O senhor consente que eu seja mulher de outro homem?

NOGUEIRA — Este senhor, já não é um homem.

ADOSINDA — O senhor consente... depois de tudo... de tudo quanto entre nós se passou?

NOGUEIRA — O contrario seria tolice.

ADOSINDA (Com um grito) — Ah! (Corre e lança-se nos braços do pae) Ah! meu pae!... meu pae!...

VALDEZ — São modos de ver. (As moças apparecem ao fundo, acompanhadas dos demais personagens).

SCENA VII

Marcello, Valdez, Adosinda, Nogueira, Dr. Timotheo, Esther, Nair, Bertha, Narcisa

AS MOÇAS — Adosinda! Adosinda!...

ADOSINDA (Depois de enxugar as lagrimas, disfarçadamente, esforçando-se por sorrir) — Minhas amigas. D. Esther, Dr. Timotheo... apresento-lhes o meu noivo. (Dá a mão a Marcello. Espanto geral).

TODOS — Oh!

NOGUEIRA (Disfarçadamente a Esther, que se aproxima d'elle radiante de alegria) — Espere-me hoje ás horas do costume.

FIM DO 1.º ACTO

SEGUNDO ACTO

Sala bem guarnecida. Portas á esquerda no primeiro plano e no segundo plano, á direita no segundo plano e ao fundo. Janella a direita primeiro plano.

SCENA I

Manoel e depois o Dr. Lemos

(Manoel entra do fundo carregado de flores e começa a encher os vasos. Enquanto elle está nessa occupação, entra do fundo o Dr. Lemos.)

DR. LEMOS — Boa noite, Manoel.

MANOEL — Muito boas noites, "sor" doutor!

DR. LEMOS — Sempre occupado com as flores, hein?

MANOEL — E' preciso que a menina as encontre por toda a parte. (**Mostrando as flores que sobraram e lhe ficam nas mãos**) Ainda cá ficaram estas para o seu quarto.

DR. LEMOS — Não me foi possível ir buscal-os á estação. Estive desde o meio dia até agora ás voltas com a velha da rua Bambina! Julguei que morresse hoje; mas qual!... arribou até nova crise!...

MANOEL — Quem sabe lá o que Deus quer! (**olhando para as flores que tem na mão**) Estas, sim... coitadinhas... tem o tempo contado; para dizer a gente quando ellas morrem, basta saber quando nasceram. (**Cheira carinhosamente as flores**).

DR. LEMOS — Não falemos de morte num dia tão alegre. Você deve estar bem contente, Manoel: vae chegar a menina dos seus olhos!

MANOEL — Tenho o coração aos pulos, "sor" doutor! Ha um mal terrivel... horroroso, de que se não morre... "Vossoria", que é medico, ponha lá esta coisa no seu canhenho. Esse mal é a saudade.

DR. LEMOS — Se me não engano já houve quem isso mesmo dissesse em verso. Estou ancioso por ver tambem o meu doente. Creio que esta viagem, aconselhada por mim, acabou de cural-o.

MANOEL — Parece que não tem mais nada! Mas é verdade! "Vossoria" póde gabar-se de ter feito um milagre! A menina teve uma boa inspiração pedindo a "vossoria" que tomasse conta do doente.

DR. LEMOS — Nada fiz, Manoel; aquillo não era nada.

MANOEL — Não era nada? Ora essa! Sempre ouvi dizer que a tuberculose é incuravel!

DR. LEMOS — E é, mas elle estava tão tuberculoso como você. O Dr. Timotheo fez um diagnostico errado, e mal sabia, naquella occasião, que condemnava um homem a morrer do mal que deveria matar, não o doente, mas o proprio medico. Aquillo era do estomago... havia um desvio grave... grave, mas remediavel...

MANOEL — E as hemo... hemop... enfim, o sangue que elle deitava pela bocca?

DR. LEMOS — Não eram hemoptyses: eram hematemeses... Isto quer dizer que o sangue não era dos pulmões e sim do estomago.

MANOEL — Ainda bem! Foi uma felicidade!... Do contrario estava a menina casada com o tal Nogueira, e agora é mulher do "sor" Marcello, uma das creaturas menos imperfeitas que Deus botou neste mundo. Já paguei a vela que prometti a São Manoel, meu glorioso patrono. Entretanto, ha ahi uma coisa que me faz pensar.

DR. LEMOS — Qual é?

MANOEL — Quando a menina se casou, o "sor" commendador, como vossoria sabe, quiz que os noivos viessem morar cá em casa... A menina ficou ali no seu quarto. **(Aponta para a porta da E., segundo plano)** e o "sor" Marcello neste. **(aponta para a porta da esquerda, primeiro plano. Entra o copeiro e accende o gaz da sala)** O "sor" Marcello ficou bom, mas continuou a dormir sosinho... Até aqui não ha que estranhar, porque nós sabemos em que condições se fez o casamento... Mas elles foram para a Europa, andaram por lá seis mezes, e agora, poucos dias antes de chegar, o "sor" Marcello escreve ao "sor" commendador pedindo-lhe que mande preparar o seu quarto.

DR. LEMOS **(Sorrindo)** — Que tem isso?

MANOEL — Dar-se-ha o caso que a menina esteja ainda á espera de que o marido morra para se casar com o outro?

DR. LEMOS — Não creio. Andaram tanto tempo a viajar sosinhos... os quartos nos hoteis e os camarotes nos paquetes são em geral tão apertados... Não creio! Isso de quartos separados é hoje moda. Descance, Manoel, que qualquer dia temos por ahi um Marcellinho, que talvez já esteja em viagem.

MANOEL — O tal desvio de estomago não é coisa que... desvie?...

DR. LEMOS — Não! Não!

MANOEL — Então deixe-me enfeitar o quarto da menina! **(Sae pela E. segundo plano levando as flores.)**

Toque de campainha electrica no corredor. O Dr. Lemos vae abrir a porta do fundo).

DR. LEMOS (Fallando para fóra) — Façam o favor de entrar!... O dono da casa não está para os receber. (Essas palavras devem ser ditas um pouco seccamente. Entram o Dr. Timotheo e Esther, trajados de luto e acompanhados por Nogueira. Ao vel-o o Dr. Lemos não pôde conter um olhar de estranheza que logo se transforma em indignação. O Dr. Timotheo está cadaverico é um tuberculoso em terceiro gráo. Tem a voz cavernosa. Deve causar no espectador a mesma impressão que Marcello no 1.º Acto).

SCENA II

Dr. Lemos, Dr. Timotheo, Nogueira e Esther

DR. LEMOS — Ora viva, doutor Timotheo... Minha senhora... “Não cumprimenta Nogueira. A Timotheo) Então como vae isso?

DR. TIMOTHEO — Melhor, muito melhor... Tusso agora menos... Não expectoro tanto... A bronchite é rebelde, mas vae cedendo... Sabe que continuo a ser o mais feliz dos homens?

DR. LEMOS — Sim.

DR. TIMOTHEO — Já lhe deram a grande novidade? Não nos vê de luto! Morreu o meu tio da Bahia! Eram mais as vozes que as nozes... não estou millionario... Mas emfim vou receber cento e tantos contos em predios e apolices! Já me estou preparando para uma grande viagem. (Tosse).

DR. LEMOS (Com intenção) — Bem vejo...

DR. TIMOTHEO — Uma grande viagem á Europa, com minha mulher! Vou fazer o que nunca fiz! Vou correr mundo! Divertir-me!... E' o que se leva da vida! (Tosse).

ESTHER — Não fales tanto, Timotheo! Olha o accesso. (Ao Dr. Lemos) Então, Adosinda ainda não chegou?

DR. LEMOS — Ainda não, senhora.

DR. TIMOTHEO — Onde se bebe agua? Estou com uma sede abrazadora!...

DR. LEMOS — Vão á sala de jantar. Lá encontrarão tudo...

DR. TIMOTHEO — Pois vamos. (Saem o Dr. Timotheo e Esther, direita segundo plano. Nogueira vae para acompanhá-los, mas o Dr. Lemos toma-o pelo braço. Manoel apparece á porta da esquerda, segundo plano e observa o que se passa).

SCENA III

Dr. Lemos, Nogueira e Manoel

DR. LEMOS — Uma palavra, meu caro senhor. A sua presença nesta casa não me parece conveniente nem correcta.

NOGUEIRA — Como?

DR. LEMOS — A menos que o senhor queira de caso pensado, perturbar a tranquillidade de uma familia, não penso que obedecesse a uma bôa inspiração apresentando-se n'uma casa de onde o arredaram circumstancias especiaes.

NOGUEIRA — Estou então impedido de entrar aqui?

DR. LEMOS — Naturalmente. A situação moral em que o senhor mesmo se collocou fazendo com que Adosinda acceitasse a mão do senhor Marcello, impede-o de transpor aquella porta.

NOGUEIRA — Não serei muito exigente perguntando ao senhor doutor Lemos com que autoridade me fala?

DR. LEMOS — Em primeiro logar com a autoridade do medico; não sei ainda em que estado chegou o meu doente, e receio que o encontrá-lo aqui possa fazer-lhe mal. Em segundo logar, com a autoridade do padrinho, isto é, do segundo pae de Adosinda. Em terceiro logar com a autoridade do amigo, pois, como o senhor deve saber, sou um velho amigo, dedicado e sincero, do dono desta casa. Já vê, meu caro senhor, que não me falta autoridade para falar-lhe!

NOGUEIRA — Acha, então, que fui... incorrecto?

DR. LEMOS — E tanto mais incorrecto por ter vindo em companhia da sua amante!

NOGUEIRA — Senhor!

DR. LEMOS — Todo o Rio de Janeiro sabe que o senhor é amante dessa pobre senhora, que arrasta consigo um marido semi-morto. Se ainda lhe resta, meu caro senhor, um pouco de senso moral, reflecta na monstruosidade do acto que praticou entrando aqui. Queira sahir.

NOGUEIRA — Meu caro doutor, pode ser que eu infrinja as leis da moral, e me faça réo de uns tantos delictos, para os quaes nenhuma pena existe, aliás, em nenhum código do mundo; mas que quer? a minha natureza é esta: o perigo não me sobressalta, o escandalo não me apavora. Os homens não podem ter todos o mesmo temperamento; uns vencem pela submissão, pela hypocrisia, pela subordinação, pela passividade; eu tenho vencido sempre pelo desplante e pela audacia.

DR. LEMOS — E pelo cynismo.

NOGUEIRA — Na Grecia antiga os cynicos confundiam-se com os stoicos, e o mesmo está succedendo na sociedade contemporanea. Sou cynico? Sou stoico? Não sei. Só sei que d'aqui não saio!

MANOEL (*Que tem custado a conter-se, avançando para elle fulo de raiva*) — D'aqui não saes? Pois has de sahir grande bandalho, se não queres que eu te ponha lá fóra a pontapés e te parta a cara.

NOGUEIRA — Que é isto? Que é isto?

MANOEL — Isto é isto mesmo! E não me faças dizer a mesma coisa duas vezes! (*Andando em voita da scena atraz delle*). Saes ou não saes? Olha que se te deito os gadanhos!... (*Vae para agarral-o, Nogueira sae. Esther apparece á porta da direita segundo plano*). Sahiu! Para estas coisas mais vale um jardineiro que um doutor! Aquelle cá não volta!

SCENA IV

Dr. Lemos, Manoel e Esther

ESTHER (*Descendo*) — Que foi isto?

MANOEL — Não foi nada: fui eu que puz o seu

chichisbéo no olho da rua. (**Vendo que Esther ficou envergonhada, com os olhos postos no chão**). Não gostou? Doeu-lhe? A culpa é sua. Veja se de agora em diante procede como deve proceder uma senhora honrada! E passe bem! (**Sae**).

SCENA V

Dr. Lemos, Esther e depois Timotheo

ESTHER — E o senhor ouviu, sem me defender, tudo quanto me quiz dizer aquelle bruto! Sempre suppuz que fosse mais cavalheiro...

DR. LEMOS — E' que talvez não encaremos o cavalheirismo debaixo do mesmo ponto de vista... Mas não faça caso das palavras do jardineiro. Elle cultivava todas as flores excepto as de rhetorica.

ESTHER — Fui eu que pedi ao senhor Theobaldo Nogueira que nos acompanhasse. Elle não queria vir: insisti, exigi que viesse!

DR. LEMOS — Pois fez mal. Qual era a sua intenção?

ESTHER — Mostrar que o senhor Nogueira nenhuma pretensão conserva a respeito de Adosinda.

DR. LEMOS — E' o caso de perguntar o que tem a senhora com isso...

ESTHER — Tenho alguma coisa, porque dentro em pouco tempo estarei viuva, e esse homem será meu esposo!

DR. LEMOS — Acredito, por ter morrido o tio da Bahia.

ESTHER — E eu...

DR. LEMOS — Cuidado! Vem ahi o seu defunto marido.

DR. TIMOTHEO (**entrando**) — Ah! está hoje uma noite admiravel!... Sinto-me perfeitamente!... E' a saude que vo'ta!... (**a Esther**) Estava capaz de alugar um automovel para darmos um passeio á Tijuca!

ESTHER — Estás doido! Queres peorar?

DR. TIMOTHEO — Onde está o nosso Nogueira?

DR. LEMOS — Foi-se!

DR. TIMOTHEO — Então não quíz esperar por nós?

DR. LEMOS — Foi postô na rua pelo jardineiro! **(Esther toca-lhe no braço).**

DR. TIMOTHEO **(sério)** — Heim? Posto na rua?

DR. LEMOS — Não acha o collega que esse moço commetteu uma imprudencia vindo a esta casa?

DR. TIMOTHEO — Acho! **(A Esther)** Não te dizia? **(Ao Dr. Lemos)** Foi minha mulher que insistiu com elle para que viesse! Eu não queria! Note meu caro collega e mestre, que minha mulher embirra solemnemente com elle! Mas que quer? Tem estes caprichos inexplicaveis! Entendam lá as mulheres!...

ESTHER — Mas...

DR. TIMOTHEO **(Interrompendo-a)** — Foi uma inconveniencia, foi! Não ha nada mais desagradavel que estar um homem em presença de outro, a dizer comsigo: — Este sujeito está á espera de que eu morra para ser marido de minha mulher.

DR. LEMOS — A situação agora é outra: o marido de minha afilhada nenhuma disposição tem de morrer. Entretanto, ainda que a situação fosse a mesma, a vinda do senhor Nogueira seria um acto irreflectido.

DR. TIMOTHEO — Não ha duvida, mas tambem nós — minha mulher e eu — não podemos aqui ficar.

ESTHER — Porque?

DR. TIMOTHEO — Porque foi posta na rua uma pessoa que não deveria cá ter vindo... sou o primeiro a reconhecer... Mas veio em nossa companhia, a instancias tuas, e isso nos obriga a certa solidariedade! Vê tu aonde nos leva um capricho de mulher!

ESTHER — O doutor Lemos bem poderia ter evitado que o jardineiro...

DR. LEMOS — Perdão, minha senhora, não sou eu o dono da casa... nada tenho que ver com isso... Creio, porém, que se o jardineiro não tivesse feito o que fez, quem poderia lá fóra o tal Nogueira ero este seu creado, porque...

DR. TIMOTHEO **(Interrompendo-o)** — Bom! bom! Não azedemos este incidente desagradavel. Retiremo-nos. Mais tarde me explicarei com os donos da casa.

Por ora o que temos a fazer com mais correcção é sair.
— não acha, meu illustre collega e mestre?

DR. LEMOS (**Precipitadamente**) — Acho.

DR. TIMOTHEO — Ora muito bem! (**apertando-lhe a mão**) Até mais vêr.

DR. LEMOS — Até sempre.

DR. TIMOTHEO — Vamos, Esther! (**Esther mal cumprimenta o Dr. Lemos e sae pelo fundo. Entra pelo 2.º plano, direita, Manoel com um grande ramilhete de violetas**).

SCENA VI

Dr. Lemos e Manoel

DR. LEMOS (**Respirando como se lhe houvessem tirado um peso de cima**) — Uff!...

MANOEL — Muscaram-se? (**Signal affirmativo do Dr. Lemos que sorri**) E' mesmo melhor que vão pregar a outra freguezia!

DR. LEMOS — Vá lá um aperto de mão. Você não foi cavalheiresco, mas foi energico! (**Aperta-lhe a mão**).

MANOEL — Aquillo não é gente que se trate com luva de pellica! O tal Nogueira é capaz de tudo! Basta olhar para aquella cara! Saiba "vossoria" que elle já tentou escalar o muro da chacara... o muro baixo, que dá para o capinzal.

DR. LEMOS — Elle?

MANOEL — Eu tinha as minhas duvidas, mas agora estou convencido de que foi elle. A coisa se passou uns dous mezes antes do pedido de casamento. Seriam tres horas da madrugada. O John Bull, o nosso cão de guarda — um cão como não havia outro nestas cercanias — tinha morrido, coitado! e ainda cá não estava o Sultão, que tambem não é para graças. Naquelle madrugada, não sei porque, perdi o somno, e, como estava muito calor, sahi do meu quarto para tomar um pouco de ar no jardim. De repente ouvi um rumor de folhas lá para o lado do muro... Corri ao meu quarto, peguei na espingarda, approximei-me, e vi distinctamente um vulto que tentava saltar... Um vulto que me pareceu o tal Nogueira...

Pelo menos o chapéu era igual ao delle... chapéu de palha, desses que usam agora os janotas, com a abra da frente cahida sobre os olhos. Não fiz uma nem duas: puz a arma á cara, e puxei o gatilho: pum! O vulto cahiu para o lado do capinzal. Corri ao muro, julgando que o houvesse ferido... mas qual! já elle ia longe, correndo que nem um gamo! Eu via destacar-se na sombra aquelle grande chapéu branco, que parecia voar.

DR. LEMOS — Talvez não fosse elle.

MANOEL — Talvez; mas não me parece que aquelle chapéu fosse o de um gatuno. Era o mesmo, sem tirar nem pôr, que vi passar tantas vezes na rua, quando o tal sujeitinho namorava a menina. Ah! que pena não ter havido aquella noite um luar como o de hoje!...

DR. LEMOS — Mas ouça cá, Manoel... para que elle se atrevesse a pular o muro para ir ter com Adosinda, seria necessario que estivesse concertado com ella.

MANOEL — Elle é homem capaz de tudo, "sor" doutor! Como as janellas são baixas, o patife imaginou talvez que... Ah! mas eu puz-lhe embargos á ligeireza e só tenho pena de que o tiro lhe não acertasse.

DR. LEMOS — O commendador soube disso?

MANOEL — Soube, e até veio á janella quando ouvio o tiro, mas eu não lhe disse que desconfiava do melro para o não amofinar. Toda gente ficou convencida de que entrou um ladrão na chacara.

DR. LEMOS (*Apontando para o ramo de violetas*) — Que é isso? Mais flores.

MANOEL — Este ramo de violetas vou eu offerel-o á menina aqui na sala quando ella entrar.

DR. LEMOS — Olhe o melhor é não dizer que aqui estiveram aquellas visitas.

MANOEL — Não o diga "vossoria", que desta bocca não sahirá nem pio. (*Ouvem-se vozes*) Elles ali vêm! (*Vae abrir de par em par a porta do fundo. Entram Adosinda e Marcello, acompanhados por Valdez. Adosinda e Marcello, trajem elegantes "costumes" de viagem. Marcello é um resuscitado: está lepido, corado, bem disposto*).

SCENE VII

Dr. Lemos, Manoel, Adosinda, Marcello e Valdez

ADOSINDA (*Lançando-se nos braços do doutor Lemos*) — Meu padrinho!...

DR. LEMOS (*Comovido*) — Viva! viva a minha afilhadinha!... (*Vae abraçar Marcello e parece satisfeito do seu aspecto*).

ADOSINDA — Manoel! Meu bom Manoel! (*Atira-se-lhe nos braços*).

MANOEL (*Tentando fazer um discurso estudado*) — Minha rica menina... o seu velho jardineiro... muito contente... muito... (*Rindo e chorando ao mesmo tempo*) aqui lhe traz um ramo de violetas... as flores de que a menina mais gosta... para... sim... que... Ora não estou a chorar?

ADOSINDA — Quanta eloquencia dão essas lagrimas ao teu discurso. (*Chorando também*) E' com as minhas que te respondo! (*Abraça-o de novo e volta ao padrinho*).

MANOEL (*Abrindo os braços a Marcello*) — "Sor" Marcello!

MARCELLO (*Abraçando-o*) — Aperte-me estes ossos, Manoel!...

MANOEL — Mas que transformação! Como está lepido e rubicundo! Não sente mais nada, nada... do tal desvio?

MARCELLO — Nada! Estou perfeitamente bom! Chego de uma estopante viagem de estrada de ferro e sou capaz de valsar toda a noite! (*Valsa*).

DR. LEMOS — Bravo! bravo!... Consultou na França e na Allemanha as summidades que lhe indiquei?

ADOSINDA — Consultou o doutor Lemos; foi quanto bastou. Pois se Marcello não sentia mais nada, para que gastar dinheiro atôa?

VALDEZ — E as taes sumidades sabem fazer-se pagar!

MARCELLO — Chi!...

ADOSINDA — Vou dar uma vista d'olhos pela casa.

DR. LEMOS — Vae... vae... (*contemplando-a*)
Como está bonita!...

ADOSINDA — Vem commigo, Manoel. Tenho muito que te contar, e trouxe-te muitos presentes. (Passa a mão na cintura de Manoel e sahem pela direita segundo plano).

SCENA VIII

Dr. Lemos, Valdez e Marcello

DR. LEMOS — E' exquisito chegar da Europa pela Estrada de Ferro Central do Brasil!

MARCELLO — Mas nós não chegámos da Europa. Chegamos de S. Paulo.

DR. LEMOS — Bem sei.

MARCELLO — Adosinda achou que deviamos dar um pulo a Buenos Aires, e em Buenos Aires resolvemos desembarcar em Santos, para ver S. Paulo, que não conheciamos. (A Valdez) E as nossas malas?

VALDEZ — Chegaram ha mais de oito dias... Mas quanta coisa! Olha que paguei á Alfandega perto de quatro contos de réis!...

MARCELLO — A Buenos Aires só levamos o indispensavel. Oh! as malas! Se pudesse a gente viajar sem ellas!...

VALDEZ — Vocês hão de me dar licença: preciso assignar a correspondencia que mandei vir do escriptorio, e deve estar no meu gabinete á minha espera. Temos paquete amanhã.

DR. LEMOS — Vae. (Valdez sae pela porta segundo plano direita).

SCENA IX

Dr. Lemos e Marcello

DR. LEMOS — Vamos lá, Marcello! Franqueza! Você considera-se feliz?

MARCELLO — Feliz? (Depois de uma longa pausa) Não: não sou feliz.

DR. LEMOS — Porque?

MARCELLO — Porque... não sou ainda o marido de minha mulher!

DR. LEMOS — Ora essa! Pois a minha afilhada?...

MARCELLO — A sua afilhada é um enigma que tenho tentado em vão decifrar. Note meu caro doutor, que não houve nunca entre nós a menor allusão ao passado... Nem eu creio que ella conserve no coração alguma coisa pelo noivo a quem enganei, affirmando que tinha apenas dias ou mezes de vida.

DR. LEMOS — Bem desenganado está elle agora, porque já tem outra noiva: a Esther.

MARCELLO — A Esther? O Timotheo morreu?...

DR. LEMOS — Não morreu, mas está para morrer, e ultimamente herdou cento e tantos contos.

MARCELLO — O tio da Bahia bateu a bota?

DR. LEMOS — Bateu. Já vê que é sina do pobre Theobaldo Nogueira esperar que os outros morram.

MARCELLO — Vêja em que mãos ia cahir Adosinda! Nas de um homem que se casa com a Esther! Quem não tem sido amante dessa infeliz?

DR. LEMOS — Eu!

MARCELLO — E eu, mas não foi porque ella o não quizesse!

DR. LEMOS — Você prestou um grande serviço á minha afilhada... Ella se enviuvasse não se casaria com aquelle malandro.

MARCELLO — Como se explica então que evite os meus carinhos? que não queira ser definitivamente minha, como se esperasse ainda que eu... **(Tapando os olhos como para desviar um mau pensamento)** Oh! não! que digo eu!... Não pode ser isso! Não pode ser isso porque Adosinda é muito minha amiga... não deesja que eu morra.

DR. LEMOS — Naturalmente.

MARCELLO — Como se explica que sejamos um para o outro senão dous irmãos... dous camaradas que se querem muito, que vivem juntos, mas que não se amam... como se deviam amar? Nos hotéis tomavamos dois aposentos... Nos paquetes dous camarotes, sempre juntos durante o dia!... sempre sosinhos durante a noite!... Um dia chegando a Bruxellas, fomos para um magnifico hotel onde havia apenas um quarto. Ella não quiz ficar: preferio a massada de procurar acomoda-

ções noutra parte... Estavamos fatigados, era tarde e chovia a cantaros. Entretanto quem nos via tão amigos, tão agarradinhos, tão risonhos, suppunha naturalmente que não pudesse haver marido e mulher mais identificados um com o outro!

DR. LEMOS — Mas você, que diabo!... nunca fez valer os seus direitos?

MARCELLO — Que direitos? O senhor esquece-se de que eu não os tinha! O nosso casamento foi todo condicional. Nenhum direito me assistia. Eu tinha apenas uma obrigação, e nada mais: a obrigação de morrer.

DR. LEMOS — Viveu; e a vida lhe outorgou todos os direitos que lhe faltavam. Nada se oppunha a que uma delicada investida...

MARCELLO — Não tiveram conta as investidas desse genero, mas Adosinda furtava-se ainda mais delicadamente ás solicitações dos meus desejos. A's vezes parecia ceder... reclinava a cabeça nos meus hombros... fechava os olhos... mas um beijo, com que eu a ameaçasse, fazia-a fugir como receiosa de fraquejar... Uma noite, no terraço de um hotel, no lago Maggiore, tínhamo-nos esquecido das horas a gozar um luar esplendido... Estavamos sosinhos... no silencio da noite... já todos se tinham recolhido... Nessa ocasião pensei que tudo acabasse... ou antes: começasse. Vi-a desfallecer nos meus braços... e depois fugir!... Dessa vez quiz fazer valer os meus direitos de redivivo, e segurei-a fortemente... Ella gritou... escapou-me... correu para o quarto, e, segundo o seu costume, fechou-se por dentro. Fiquei sosinho naquelle terraço estrangeiro e longiquo meditando sobre a singularidade da minha situação, e perguntando á lua se me não achava supinamente ridiculo. **(Pausa)** Entretanto menti quando ha pouco lhe disse que não era feliz. Eu sou feliz, muito feliz, porque conheço que, apesar de tudo, Adosinda sente por mim alguma coisa mais que a simples amisade. Fui casado com uma mulher que me não amava, e é quanto basta para conhecer se outra me ama. O amor não tem symptoma nem propriedade característica que eu não encontre nella! Não póde haver companheira mais dedicada... mais affectuosa... mais amavel, enfim. O

que ella tem por mim é amor, é verdadeiro amor, proveniente, não de uma agitação dos sentidos, mas da longa convivencia que tem sido a nossa por esse mundo fóra. Sim! é o amor... e o amor com todos os seus predica-dos, menos...

DR. LEMOS — Menos o amor. E você? Ama-a?

MARCELLO — Amo-a, loucamente, apaixonada-mente, como suppuz que só pudesse amar uma vez. Não calcula que thesouros de bondade, de intelligencia de bom senso encontrei naquelle coração e naquelle ce-rebro de mulher! E' a esposa ideal, a esposa que eu so-nhava. Bemdigo mil vezes a minha fantasia de moribun-do! Já vê o senhor que isto não é, não pode ser um grito da carne, e tenho pena até que o meu orgulho e a minha brutalidade de homem não possam conservar lhe aquella pureza que ella defende com tanta energia!

DR. LEMOS — O seu orgulho, diz bem, meu ami-go... a sua brutalidade, não; a natureza nunca é brutal. Ao que você chama a energia de sua mulher é preciso oppôr o poder da sua vontade e a propria força dos seus musculos! (**Indo á janella**) Veja... está um luar esplên-dido... tão bello, talvez, como o do lago Maggiore. Faça com que a lua não o ache tão ridiculo no Rio de Janeiro como na Italia.

SCENA X

Dr. Lemos, Marcello, Adosinda, o Copeiro, Dous Carre-gadores e depois Valdez

ADOSINDA — Chegaram as malas da estação. (**Ao copeiro**) Estas vão para o quarto do senhor Marcello... e estas para o meu quarto. (**Os carregadores dirigidos pelo copeiro, levam as malas para os dous quartos, e logo saem**).

DR. LEMOS — Então vocês estão casados sob o re-gimen da separação... das malas?

ADOSINDA — Nós cá nos entendemos. Não é Marcello?

VALDEZ (**Entrando, ao doutor Lemos**) — Tu ainda ahi estás? Olha que elles precisam descansar!

ADOSINDA — Não, senhor... pelo contrario.

MARCELLO — Ella poderia estar menos fatigada... mas não quiz vir pelo nocturno...

ADOSINDA — Naturalmente. A' noite não se vê nada, e a viagem é tão bonita!

DR. LEMOS (**Que foi buscar o chapéo**) — Adeus! Tambem eu preciso de descanso, que estive toda a tarde ás voltas com a velha da rua Bambina.

MARCELLO — Oh!... Ainda?

DR. LEMOS — Ainda e sempre! Aquella senhora não é, não pôde ser immortal; mas com certeza é immor-rivel!... Até amanhã.

MARCELLO — Até amanhã, doutor?

ADOSINDA — Até amanhã, padrinho!

DR. LEMOS (**Beija na fronte e diz-lhe baixinho**) — Menina, Platão era solteiro.

ADOSINDA — Que quer isso dizer?

DR. LEMOS (**Baixo**) — Pergunta a teu marido.
(**alto**) Até amanhã. (**sae**).

SCENA XI

Marcello, Adosinda e Valdez

VALDEZ — Se eu cá não viesse, teu padrinho ficaria a papaguear até as tantas! Aquillo quando lhe puxam! Vocês não têm appetite?

ADOSINDA — Não. Já lhe disse que jantamos no trem.

MARCELLO — Trouxemos um farnel de S. Paulo.

VALDEZ — A creada já te veio falar? Eu fiz-lhe mil recommendações para que nada faltasse.

ADOSINDA — E realmente nada falta. Vá o senhor tambem descansar.

VALDEZ — Qual descansar. Ainda não assignei toda a correspondencia. O ter que ir buscar-vos á estação atrazou-me o capitulo. (**Abraçando e beijando a filha**) Até amanhã.

ADOSINDA — Até amanhã meu pae. (**Valdez sae**).

SCENA XII

Marcello e Adosinda

ADOSINDA — Tu conheces Platão?

MARCELLO (*Admirado*) — Platão?!

ADOSINDA — Sim! conhecel-o?

MARCELLO — Bem sabes que não sou muito forte em litteratura...

ADOSINDA — Ah! Platão foi um litterato?

MARCELLO — Foi um philosopho que viveu na Grecia mais de trezentos annos antes de Christo. Até ahi vou eu.

ADOSINDA — Já não é pouco.

MARCELLO — Mas porque dejesas saber quem foi Platão?

ADOSINDA — Porque meu padrinho ao retirar-se, disse-me estas palavras! "Platão era solteiro".

MARCELLO — O que prova que teu padrinho está mais adiantado que eu.

ADOSINDA — Comprehendes o sentido dessas palavras?

MARCELLO — Creio que sim. Na opinião d'aquelle philosopho, é o ideal que devemos buscar na moral, na politica, na arte... e no amor. Ora, tratando-se deste ultimo, não pode ser essa a opinião de um homem casado. Ahi está porque teu padrinho lembrou que Platão era solteiro... tão solteiro como eu...

ADOSINDA — Já sei... Foste indiscreto. (*Senta-se a E.*).MARCELLO — Teu padrinho tem uma destas phisionomias francas e leaes, que arrancam todos os segredos do fundo da alma alheia. Fiz-lhe uma grande queixa de ti... contei-lhe toda a tua maldade... disse-lhe que não sou solteiro como Platão... mas que sou casado como... como quem?... como o Mestre de Forjas, ora ahi tens! (*Pausa, Vae sentar-se á janella*) Adosinda?

ADOSINDA — Hein?

MARCELLO — Fazes favor? Apagas a luz?

ADOSINDA (*Admirada*) — Para que?

MARCELLO — Ella estraga-nos este bellissimo luar.

que basta para illuminar-nos. (**Adosinda apaga o gaz; a luz do luar entrando pela janella, illumina a sala**) Não te dizia? Vê como está claro!

ADOSINDA — Sabes que mais? (**estendendo-lhe a mão**) Até amanhã.

MARCELLO (**Tomando-lhe a mão**) — Vem cá!

ADOSINDA — Que queres?

MARCELLO — Lembras-te d'aquella noite... no lago Maggiore?

ADOSINDA (**Querendo fugir**) — Sim.

MARCELLO (**Puxando-a para si**) — Havia um luar como este: claro... transparente... diaphano...

ADOSINDA — A paysagem é muito diversa... falta-lhe o lago...

MARCELLO — Em compensação temos as montanhas, que não são menos bellas! Vê com que graça e com que magestade se destaca naquelle fundo azul claro a silhueta negra do Corcovado! Não achas aquillo bello?

ADOSINDA — Para mim são bellos todos os logares onde eu possa estar ao teu lado.

MARCELLO (**Obrigando-a a sentar-se no seu collo**) — Mentirosa!

ADOSINDA — Mentirosa porque?

MARCELLO — Porque tu, não me amas...

ADOSINDA — Não te amo?... Oh! bem sabes que isso não é verdade!... A principio não te amava, é certo... Gostava simplesmente de ti, como se póde gostar de um bom amigo... Mas hoje crê que, se te perdesse, ficaria tão desesperada, que talvez não resistisse. Amo-te, sim! Amo-te muito!...

MARCELLO — Nesse caso porque foges de mim mal sentes o contacto dos meus labios?

ADOSINDA — Mas eu não fujo...

MARCELLO — Foges, sim... Queres ver? (**Beija-a. Adosinda ergue-se instinctivamente. Elle obriga-a a sentar-se de novo**) Vês? Ias fugindo! Ah! Mas agora estou resolvido a empregar a violencia todas as vezes que me quizeres fugir! Sim, porque tu és minha, eu sou o teu legitimo esposo... já não sou um phymatoso em terceiro periodo como dizia o Timothco... tenho saude... tenho sangue... e o que me restituiu a vida foi talvez o formi-

davel egoismo do meu amor... o querer que não pertencesse a outro!... **(Adosinda quer levantar-se, elle puxa-a para si, e ella vencida deixa cahir a cabeça no hombro delle. Pausa)** Assim... assim é que eu te quero... desfallecida... vencida... subjugada... **(levanta-lhe a cabeça para dar-lhe um beijo).**

ADOSINDA (Erguendo n'um impeto e fugindo para a esquerda) Não! Não!

MARCELLO (Erguendo-se) — Ainda? (Vae de um salto interpor-se entre Adosinda e a porta do quarto della) Mas eu já te disse que empregarei a violencia! **(correndo para ella)** Sou teu marido!... **(Ella foge... elle persegue-a e consegue alcançal-a).**

ADOSINDA — Marcello! Marcello! Por piedade! Deixa-me!...

MARCELLO — Não! não te deixarei!... Não me sujeitarei por mais tempo a esta humilhação!...

ADOSINDA — Ouve, Marcello... eu amo-te, amo-te muito, e és, acredita, o meu primeiro amor! O mais não passou de um devaneio de moça inexperiente!... Amo-te muito, muito!...

MARCELLO — Pois bem! Sê minha!...

ADOSINDA — Amo-te muito, muito, mas... não posso ter tua! **(Marcello deixa-a cahir e recua espantado. Adosinda cae de joelhos e encosta-se a uma cadeira chorando convulsivamente).**

MARCELLO (Depois de uma longa pausa) — Não podes ser minha?! Que quer isso dizer?!... Responde! **(pausa)** Responde!...

ADOSINDA — Tem piedade de mim!...

MARCELLO (Sentando-se na cadeira a que ella estava encostada e tomando-lhe a cabeça) — Vamos... Dize-me... não ouvi bem... ou tu te exprimiste mal... Perdôa... fala... dize...

ADOSINDA (Soluçando) — Não! não posso ser tua!...

MARCELLO — Porque? ...

ADOSINDA — Esse homem... esse infame... abusou de mim... e eu fui para elle alguma coisa mais que...

MARCELLO (Erguendo-se repellido-a, com um grito) — Oh! **(Ella cae no chão, de bruços)** Ahi está o que

te afastava de mim!... E eu parvo, que nada suspeitei!... e eu cego que nada vi!... Poderia imaginar tudo, tudo menos isso!...

ADOSINDA (*Erguendo-se sobre os joelhos*) — Mata-me! mata-me, mas primeiro ouve! Não me condemnes sem me ouvir!... (*Depois de uma pausa, Marcello respira fortemente, como para se encher de coragem. Aproxima-se de Adosinda, levanta-a e fal-a sentar na cadeira*).

MARCELLO — Falla.

ADOSINDA — Esse homem encontrou uma noite n'um baile e dansou commigo... depois começou a passar por aqui todas as tardes... eu não sabia ao certo quem elle era... meu pae admoestou-me... disse-me que não sympathisava com elle... e eu estava resoluta a tirar-lhe todas as esperanças, quando uma madrugada senti bater de leve á janella do meu quarto... ahi julguei que fosse o Manoel que estivesse incommodado e me viesse pedir alguma coisa... Commetti a imprudencia de abrir a janella, e immediatamente esse homem saltou para dentro do meu quarto! Quiz gritar e não pude... Perdi os sentidos... Voltando a mim, vi que elle tinha desaparecido... depois de me haver insultado... ouvi um tiro... depois nada mais... nada mais! (*chora convulsivamente. Pausa*) Fiquei acordada até pela manhã, sozinha com o meu desespero e a minha vergonha... Minha mãe! minha querida mãe!... Que falta me fizeste!... No dia seguinte soube que o Manoel o tomara por um ladrão... e lhe dera um tiro que não acertou. (*Outra pausa durante a qual o pranto se modera*) Escrevi ao miseravel, intimando-o que viesse pedir-me em casamento no dia dos meus annos, e dizendo-lhe que, se não viesse, ou meu pae ou o Manoel o mataria como se mata um cão damnado!... Para que elle não deixasse de vir, accrescentei que meu pae era rico... Elle veio... pediu-me... tu fizeste aquelle offerecimento inesperado... e eu repelli com todas as minhas forças. Naquella occasião eu não poderia dizer esta verdade hedionda! Elle acceitou cynicamente o offerecimento, e eu fiquei tão fóra de mim, tão allucinada que te apresentei a todos como meu noivo!

MARCELLO — E porque só agora?

ADOSINDA — Oh! não imaginas quantas vezes esta confissão terrível me ficou atravessada na garganta! Quando tu foste melhorando aos poucos, dous sentimentos diversos me agitavam, um de alegria, outro de dôr! De alegria porque voltavas á vida, de dôr pela perspectiva desta revelação... porque eu jamais — ouves bem? — jamais te enganaria! Preferia o teu desprezo, o teu abandono, o teu odio, a ver-te illudido, suppondo teres dado o teu nome e confiado a tua honra a uma noiva immaculada! Agora que tudo sabes, julga-me!... lavra a tua sentença!

MARCELLO (*Indo buscar o chapéo*) — A minha sentença é a separação... a separação eterna!

ADOSINDA (*Erguendo-se angustiada*) — Marcello, eu estou innocente!

MARCELLO — Estás innocente mas não estás pura. Não quero que esse miseravel ria de mim quando se encontre commigo... não quero que escarneça da minha generosidade... não quero que diga que eu encampeei a sua infamia!... Ao menos saberá elle — e todos o saberão!... — que não me conformei com uma situação ignobil! (*Dá um passo para a porta*).

ADOSINDA — Marcello! que será de mim sem o teu amor?... (*Marcello tem um gesto de indiferença e dá então passos para a porta*) Não! não saias... Não vás... Marcello! Marcello!...

MARCELLO (*Repellindo-a*) — Não! Não! Não!

ADOSINDA — Ah! (*Cae nos braços de Valdez que entra*).

SCENA XIII

Marcello, Adosinda e Valdez

VALDEZ — Que é isto?... que gritos são estes? (*Recebendo a filha nos braços*) Minha filha!...

MARCELLO — Resta-me o amor de teu pae! (*Sae*).

FIM DO 2.º ACTO

TERCEIRO ACTO

(Gabinete. Portas ao fundo e á direita. A' esquerda uma janella. No centro, mesa com preparos para escrever, — livros, papeis, etc. Uma estante com livros. Quadros, photographias, etc. A' esquerda, fundo, um biombo.)

SCENA I

Dr. Lemos, um creado que logo sae, depois Marcello

CREADO (Entrando do fundo introduzindo o Dr. Lemos) — Queira entrar e sentar-se. Vou prevenir o patrão.

DR. LEMOS — Obrigado. (O creado sae pela direita. O Dr. Lemos entretem-se por alguns momentos examinando os livros, photographias, etc. Marcello entra da direita acompanhado pelo creado que sae pelo fundo).

MARCELLO (Indo apertar a mão do Dr. Lemos) — Muito obrigado por ter vindo. Desviei-o, talvez, das suas obrigações...

DR. LEMOS — A minha obrigação é acudir aos chamados.

MARCELLO — Dos doentes.

DR. LEMOS — Você tem-se na conta de um homem são? pois saabi que é o caso mais interessante da minha clinica!

MARCELLO — Substitui a velha da rua Bambina?

DR. LEMOS — Essa por enquanto não me dá cuidado: atravessa agora um periodo de rejuvenescimento. Você, se a vir, não lhe dará mais de oitenta primaveras. Aquillo é que é viver!... (Senta-se).

MARCELLO (Sentando-se) — Qual é então a minha enfermidade?

DR. LEMOS — A sua enfermidade é toda moral, mas nem por isso me interessa menos, porque Monsieur de la Palisse affirma que o moral não póde deixar de ter uma ligação muito intima com a materia. Não ha muito tempo me appareceu no consultorio um caso de neurasthenia aguda. E empreguei os famosos recursos da scien-

cia e não fiz nada. Receava que o pobre diabo mais dia menos dia mettesse uma bala nos miolos, quando elle se lembrou — não por indicação minha — de comprar um bilhete de loteria. Tirou a sorte grande e ficou bom. Está prompto para outra. E acredite que ha por ahi muitos casos de neurasthenia que, como esse, não passam de casos de quebradeira.

MARCELLO — Mas eu que tenho?

DR. LEMOS (*Com gravidade comica*) — Amor e remorsos.

MARCELLO — Parece o titulo de um dramalhão.

DR. LEMOS — E a vida é outra coisa mais que um dramalhão?

MARCELLO — Conforme. A's vezes é uma farsa.

DR. LEMOS — Tire a camada de cima e encontrará um veio de lagrimas. Democrito na superficie e Heraclito no fundo. A vida é sempre triste. Você continua a amar Adosinda. Amou-a quando a julgava pura, e, ama-a com mais força agora, sabendo que ella foi victima innocente de um attentado infame. As victimas são sempre sympathicas, principalmente as victimas que se amam. Mas não é o seu amor que agora mais o afflige; são os seus remorsos. Veja até onde vae a minha perspicacia!

MARCELLO — Remorsos...

DR. LEMOS — Sim! Você tem remorsos de haver repudiado sua mulher, sem que para isso houvesse outro motivo senão a lealdade com que ella procedeu n'um momento em que outra mulher, sem a sua elevação moral, não hesitaria entre uma confissão difficil e uma mystificação facilima; você tem remorsos de haver sido tão exigente para com sua esposa a quem não promettêra outra coisa senão a viuvez e alguns contos de réis; você tem remorsos de a haver responsabilizado por uma falta inconsciente e involuntaria, realisada com "privação de sentidos", como se diz no jury; você tem remorsos de haver tratado com tanta crueldade a carinhosa enfermeira a quem deve a vida... sim, porque foi ella quem o livrou do pobre Timotheo, que, se continuasse a tratá-lo, lhe daria o mesmo destino que deu aos numerosos clientes com quem se foi encontrar lá no outro mundo, ou de elles com certeza lhe fizeram uma recepção pouco ama-

vel; você tem remorsos de haver amargurado seu sogro, um velho amigo que lhe merecia, talvez, um grande sacrificio, e a quem fez sabedor de uma affronta da qual não poderia, coitado, tirar o menor desforço, sem arrastar a filha na lama; você tem remorsos de ter sido egoista e máo.

MARCELLO — Nem egoista, nem máo... apenas homem... não estava preparado para ouvir aquella tremenda revelação, e tive impetos até de matar!... Deixei-me dominar pela paixão!...

DR. LEMOS — E á paixão tudo se perdôa. Eu que falo com toda esta serenidade, teria feito o mesmo, talvez, embora depois me arrependesse amargamente. **(Erguendo-se)** Vamos! ha já um anno que Adosinda foi atirada nos braços do pae... como um objecto regeitado... E' tempo de fazer justiça! Ella não merecia ser assim tratada nem mesmo quando tivesse alguma culpa.

MARCELLO **(Erguendo-se)** — Sim! é tempo de fazer justiça, não só por ella como tambem por mim, que soffro muito... muito... **(com lagrimas na voz)** e não me posso conformar com a idéa de perdê-la para sempre! **(chora e tenta disfarçar)**.

DR. LEMOS — Chore á vontade... não me esconda as suas lagrimas... Só desnaturados podem dizer que os homens não devem chorar. A lagrima é o derivativo mais feliz do homem.

MARCELLO **(Depois de enchugar os olhos, alliviado)** — Sim! Adosinda ha de ser a companheira da minha vida, mas não o será sem que primeiro eu tenha tirado esse desforço que tão perigoso lhe parece, meu caro doutor.

DR. LEMOS — Um desforço!... Veja o que vae fazer, Marcello!...

MARCELLO **(Tocando um tympano)** — Descance. Trata-se de um acto que foi longamente meditado.

SCENA II

Marcello, Dr. Lemos e o Creado

MARCELLO **(Ao creado que entra)** — Entregou em mão propria as cartas que lhe mandei levar?

CREADO — Sim, senhor. A primeira ao senhor doutor Lemos, que já aqui está; a segunda á senhora D. Esther; a terceira ao senhor commendador Valdez.

MARCELLO — Bom. Vá lá para dentro e não acuda a nenhum toque de campainha. Eu terei esse cuidado. Póde retirar-se. **(O creado sae).**

SCENA III

Marcello e Dr. Lemos

MARCELLO — O senhor vae ver como se prepara methodicamente um desforço. Na carta que lhe escrevi pedia-lhe que estivesse aqui á uma hora em ponto.

DR. LEMOS — E eu fui pontual.

MARCELLO — Na que escrevi á Esther, marquei-lhe uma entrevista aqui, á hora e meia em ponto.

DR. LEMOS — Uma entrevista?! A' Esther?!

MARCELLO — Na que escrevi ao Nogueira intimiei-o a que viesse á minha casa ás duas horas em ponto.

DR. LEMOS — Não posso perceber...

MARCELLO — E finalmente, na que escrevi ao commendador Valdez solicitei-lhe que viesse, com sua filha, minha mulher, ás duas e meia.

DR. LEMOS — Em ponto.

MARCELLO — Não; a esses não exigi pontualidade.

DR. LEMOS — Mas qual é o plano do seu desforço?

MARCELLO — Não lh'o digo para lhe não tirar o prazer da surpresa. Logo que a Esther chegar, o senhor irá para traz daquelle biombo, que comprei e mandei collocar ali expressamente para esse fim. De lá ouvirá o nosso dialogo.

DR. LEMOS — Mas de que genero é a entrevista que você lhe pediu?

MARCELLO — E' nada mais, nada menos que uma entrevista de amor.

DR. LEMOS — De amor?

MARCELLO — De que se admira? A Esther é uma mulher bonita!

DR. LEMOS — Não digo o contrario; mas você, que diabo! Está fazendo uma coisa que não se compadece com o seu character!

MARCELLO — Por isso creia que o faço constrangido. Só as circumstancias me obrigariam a este fingimento. Não posso, não quero ser marido de minha mulher sem primeiro ter sido amante da mulher do senhor Theobaldo Nogueira!

DR. LEMOS — Isso é um delirio da dignidade de um espirito assentado como o seu! Peço-lhe que desista dessa vingança facil.

MARCELLO — Permitta que o não attenda, mesmo porque, se quizesse attendel-o, seria tarde: **alea jacta est!** Quero sahir triumphante da situação em que me collocou a infamia daquelle homem! Não quero que me encontrando na rua de braço dado á minha mulher, elle me atire um olhar insolente! O insolente serei eu!

DR. LEMOS — Mas lembre-se de que vae insultar uma mulher!

MARCELLO — Que consideração devo eu a essa creatura feita de vicio e de perversidade, cuja lingua viperina está sempre afiada contra Adosinda?... que consideração devo eu a essa desabrida, que obrigou o seu digno amante a affrontar-nos com a sua presença no dia em que chegamos da Europa?... Não! aquella tambem não deve ser poupada!...

DR. LEMOS — Mas você não me dirá que vim eu cá fazer?

MARCELLO — Veio ser o unico espectador de uma interessante comedia. A minha satisfação não seria completa se o que se vae passar não tivesse como testemunha um homem de bem!

DR. LEMOS — Testemunha? Pois quer que eu?... Onde está o meu chapéo? (**Quer sahir**).

MARCELLO (**Tomando-o pelo braço**) — Fique. Nada verá nem ouvirá que possa escandalisal-o. (**Campanha**) Deve ser elle! Vá para traz do biombo e esteja de ouvido alerta!

DR. LEMOS — O caso é que isto começa a interessar-me.

MARCELLO — Não lhe dizia? (O Dr. Lemos vae para traz do biombo. Marcello vae ao fundo para abrir a porta, e vê o chapéo e a bengala do Dr. Lemos. Pega nesses objectos e leva-os ao dono) Olhe o seu chapéo e a sua bengala. (Vae abrir a porta do fundo, faz entrar Esther e torna a fechar a porta á chave).

SCENA IV

Dr. Lemos, escondido, Marcello e Esther

ESTHER (Entra receiosa, como uma mulher compromettida que vem pela primeira vez á casa do amante; mas depois que Marcello fecha a porta á chave recupera o sangue frio e atira-se aos braços d'elle, com fogo) — Finalmente! Como vês, bastou que me chamasse para que eu viesse immediatamente! Esta é a maior prova de amor que te poderia dar! (abraçando-o e beijando-o) Meu Marcello! O que tem de ser tem muita força! Finalmente és meu! Como sou feliz!

MARCELLO — Amas-me?

ESTHER — Ainda m'o perguntas! Ha quantos annos!... Oh! tu bem sabes que sempre te amei... que sempre quiz ser tua... mas tu, ingrato, fugiste sempre de mim!... nunca me quizeste!

MARCELLO — Eras casada com um amigo meu.

ESTHER — Isso que tinha, se elle jamais saberia? (Resolutamente) Ah! mas agora vou desferrar-me!... E's meu!... Sou tua!... Tenho outro marido, mas desse não és, não pódes ser amigo!

MARCELLO — Mas é mais esperto que o outro... e se descobre...

ESTHER — Se descobre dá-me um tiro! Mas que importa? Morro contente porque morro por ti!

MARCELLO — Obrigado.

ESTHER — Vamos ser muito felizes, não é verdade, Marcello?

MARCELLO — Muito.

ESTHER — Que fatalidade foi não teres falado logo que enviuei! Não me casaria com o Nogueira, e nesse

caso não viveríamos um minuto sem estar ao lado um do outro.

MARCELLO — Seria uma delicia!

ESTHER — Mas com que frieza me dizes isso! (**Arremedando-o**) “Seria uma delicia”! Tu estás impressionado... Não estejas...

MARCELLO — Tu não estás?

ESTHER — Eu não estou! Beija-me! Mata-me de beijos!... Não imaginas que alvoroço produziram cá dentro aquelles olhares de fogo que me lançaste quando nos encontramos no theatro vae haver dous mezes!... “Será possivel que elle goste de mim?”, perguntava a mim mesma, e no meu coração revivia um amor que eu suppunha extincto! Não sei como não endoideci de alegria quando recebi a tua primeira carta! A minha vontade foi voar immediatamente para os teus braços, dar um escandalo!... Por isso não hesitei quando recebi hoje o teu doce chamado! Aqui me tens! Faze de mim o que bem quizeres! (**Atira-se outra vez nos braços d'elle. Toque de campainha electrica. Esther assusta-se**).

MARCELLO — Quem será? (**Vae espiar á porta e finge-se assustado**) E' teu marido!

ESTHER — Meu marido?!

MARCELLO — Olha, vem vêr.

ESTHER (**Espiando**) — E' elle! é...

MARCELLO — Provavelmente acompanhou-te, vio-te entrar!

ESTHER — Estou perdida!

MARCELLO — Não! Não estás perdida! Entra ali no meu quarto!

ESTHER — Vae abrir-lhe a porta?

MARCELLO — Então?

ESTHER — Vê lá, meu amor! Meu marido pôde matar-te!

MARCELLO — Socega: pude escapar do primeiro, hei-de escapar do segundo.

ESTHER — Meu Deus! (**Entra no quarto da direita**).

MARCELLO (**Fechando a porta á chave**) — Está segura! (**Ao Dr. Lemos, que sae detraz do biombo com o chapéo atirado para a nuca e a bengala na mão**) Então?

DR. LEMOS — Essa pobre mulher é irresponsavel, meu amigo!

MARCELLO — Bem sei, mas não a responsabiliso por nada. (**Novo toque de campainha**) Esconda-se! Esta segunda scena será mais interessante que a primeira! E' pena que tenha um unico espectador.

DR. LEMOS — Um unico... Estou feito assim uma especie de Luiz da Baviera no theatro de Wagner. (**O Dr. Lemos desaparece atraz do biombo. Marcello vae abrir a porta do fundo. Entra Nogueira com certa arrogancia. Veste um termo claro, traz um chapéo de palha. Marcello fecha a porta e tira a chave que guarda na algibeira**).

SCENA IV

Dr. Lemos, escondido, Marcello e Nogueira

MARCELLO — Entre e sente-se. Aqui tem uma cadeira. (**Sentam-se ambos. Pausa**).

NOGUEIRA (**Tirando uma carta do bolso**) — E' realmente sua esta carta?

MARCELLO — Sim, senhor.

NOGUEIRA — Desconfiei que fosse aprocripha... que se tratasse de um gracejo de máo gosto... A minha surpresa era natural; nós não somos amigos.

MARCELLO — Vae ver que não se trata de uma entrevista entre dous amigos... mas do contrario exactamente... e desde já lhe peço que para todos os effeitos me considere seu inimigo.

NOGUEIRA (**Erguendo-se**) — Eu não devia ter aqui vindo. Recebendo um convite para vir á sua casa, deveria responder-lhe que, se me pretendia falar, me procurasse; essa resposta, porém, seria talvez como um acto de puslanimidade; por isso, aqui me tem!.

MARCELLO — Eu contava com isso. Bem sei que o senhor tem todas as coragens.

NOGUEIRA — Entretanto previno-o de que não vim só! trouxe commigo... (**leva a mão ao bolso trazeiro**).

MARCELLO — Um revolver? Tambem eu estou bem armado, que nem o senhor nem eu nos vejamos na

terrivel contingencia de fazer uso das nossas armas. Sente-se. (**Nogueira senta-se**) O senhor era noivo da filha do meu maior amigo. Desenganado pelo doutor que foi o primeiro marido da senhora com quem o senhor se casou, offereci-me para ser o marido transitorio de sua noiva, assegurando-lhe assim a herança dos meus bens. O senhor acceitou esse offerecimento com todo o entusiasmo... Casei-me com sua noiva... mas em vez de morrer voltei á vida. O diagnostico do seu antecessor estava errado. Ao que parece elle enganava-se tanto com os seus doentes como com a sua esposa, de quem o senhor se tornára amante publico e notorio. (**Movimento de Nogueira**) Estamos sós... permitta que me não dê ao trabalho de escolher as minhas expressões.

NOGUEIRA — Continue.

MARCELLO — Voltei á vida... enamorei-me de minha mulher... e muitos mezes se passaram sem que houvesse entre nós uma intimidade... absoluta. Mas um dia a minha saude... o meu sangue... o meu amor proprio se revoltaram contra a minha posição de marido "in partibus", e nesse dia... nesse dia ouvi a revelação do horrivel attentado que o senhor praticou, escalando uma janella alta noite, como um ladrão, para...

NOGUEIRA — Eu ia casar-me com ella!

MARCELLO — Mente!... O senhor só a pediu em casamento sob a pressão de uma ameaça de morte... e suppondo que o commendador Valdez fosse muito rico! O senhor commetteu infamia sobre infamia!...

NOGUEIRA — Mas afinal... que deseja de mim?

MARCELLO — Nada, absolutamente nada, como vae ver. — Ouvindo aquella dolorosa revelação, repudiei minha mulher, que eu amava! Entreguei-a ao pae. Sahi daquela casa, e vim morar aqui, sosinho, remoendo no meu isolamento o desejo imperioso, implacavel de me unir de novo a Adosinda, a quem consagro um sentimento, mixto de amor e de piedade que o senhor não póde comprehender. Mas como admittir essa reconciliação sem primeiro eliminar no meu espirito, na minha alma, no meu coração, todos os effeitos do crime que o senhor commetteu, crime de que ella foi não cumplice mas victima? Procurava debalde os meios de resolver

esse problema, quando o senhor me offereceu uma solução fácil.

NOGUEIRA — Eu?

MARCELLO — Sim, o senhor mesmo. O doutor Timotheo morreu, e o senhor casou-se com a Esther.

NOGUEIRA — A Esther! Não admitto que...

MARCELLO (*Interrompendo-o*) — Deixe-se disso! Estamos sós. Se estivesse mais alguém, eu diria "a Exma. Sra. D. Esther". (*Pausa*) Ora, a Esther... há muitos anos ainda o senhor não a conhecia — não foi minha amante porque eu não quiz.

NOGUEIRA (*Erguendo-se*) — Senhor!...

MARCELLO — Ouça o resto. Não é ainda o momento de fazer uso do seu revolver. Sente-se. (*Nogueira senta-se*) Fiz como José... porque o Putiphar era meu amigo. Mas olhe que o meu manto foi o unico talvez, que lhe ficou nas lindas mãosinhas! Escusa de me lançar esses olhos! O senhor, quando se vendeu pelos cento e tantos contos do tio da Bahia, conhecia todo o passado da Est... da Exma. senhora dona Esther... Está em minha casa e ainda não viu nada: apenas ouviu. (*Continuando*) O senhor casou-se... Esperei que passasse a lua de mel... a lua de mel é um modo de dizer, porque uma das desvantagens dos casamentos dessa especie é precisamente não terem lua de mel... Deixei passar algum tempo, e tratei de verificar se no coração da Exma. Senhora D. Esther havia ainda vestígios daquelle amor ardente que ella me confessára outr'ora. Verifiquei. Não havia vestígios... havia o proprio amor, que esperava tranquillo, num cantinho do coração que eu o fosse despertar. Despertei-o. Elle tinha o somno tão leve!

NOGUEIRA (*Erguendo-se*) — Senhor, para que me fez vir a sua casa?

MARCELLO (*Sentado tranquillamente*) — Simplesmente para dizer-lhe o seguinte: (*Batendo as Syllabas*) Eu sou amante de sua mulher!

NOGUEIRA (*Botando a mão no bolso*) — Oh! eu...

MARCELLO (*Erguendo-se*) — Deixe lá o revolver! Não me obrigue a tirar o meu! Mas por que se irrita? Estamos quites! Ella por ella!...

NOGUEIRA — O senhor mentiu!

MARCELLO — Diz muito bem: menti... não sou o amante de sua mulher; mas se o não sou é porque não quero... porque seria um sacrificio acima das minhas forças!...

NOGUEIRA — Que provas me apresenta o senhor? Onde estão as suas cartas?...

MARCELLO — Ella não escreve cartas... o senhor sabe disso... em primeiro logar porque essa é a unica imprudencia que não commettem as mulheres imprudentes, e em segundo logar porque a sua orthographia é detestavel.

NOGUEIRA — Vejo que tudo isso é uma invenção!

MARCELLO — Vê? Vê o que? O senhor não viu nada. Espere pelo resto. Não lhe apresento cartas, é verdade, mas se sua mulher estivesse ali, no meu quarto de dormir?

NOGUEIRA — O senhor abusa!

MARCELLO — Perdão: quem abusou foi o senhor... o senhor escalou... violou... eu chamei... attrahi. Se sua mulher está naquella quarto... veio pelo seu pé... não foi raptada nem violentada.

NOGUEIRA — Quero vel-a!

MARCELLO — E eu mostro-lh'a, porque tenho a certeza de que ainda desta vez o senhor não fará uso do seu revolver. (Indo abrir o quarto) Esther! meu amor!... pode vir!...

ESTHER (Entrando — Elle já se foi? (Vendo o marido) Ah! (Longa pausa, durante a qual os tres se entheolham).

SCENA V

Dr. Lemos, escondido, Marcello, Nogueira e Esther

MARCELLO — Ahi a tem... e tão pura como aqui entrou. Nem ao menos tirou o chapéo!

ESTHER — Eu...

NOGUEIRA — Cale-se! Tudo quanto a senhora poderia dizer agravaria a sua situação. (Indo á porta do fundo) A chave desta porta? (Marcello vae abrir a porta) Vou dar um escandalo!...

MARCELLO — Não acredite, Esther. Os homens nunca dão os escandalos com que ameaçam as mulheres.

NOGUEIRA — O senhor terá noticias minhas!

MARCELLO — Duvido!

NOGUEIRA — Hade arrepender-se de ter insultado assim um homem!

MARCELLO — O senhor já não é um homem

NOGUEIRA — Viva! (Sae).

ESTHER — Mas não percebo...

MARCELLO — Vá, vá com elle... A mulher deve acompanhar seu marido. E' do codigo.

SCENA VI

Marcello e Dr. Lemos

DR. LEMOS (Sahindo de traz do biombo, sempre com o chapéo atirado para traz, e com a bengala na mão) — Estou pasmado!... Pois ha disto no Rio de Janeiro?... (Cae sentado numa cadeira) E ao que você se expoz... Vi-o morto não sei quantas vezes!

MARCELLO — Agora sim!... Agora posso ser o marido de minha mulher!

DR. LEMOS — Poderia sel-o sem isto!... Sou um homem sensivel... estou com pena daquelles dous infelizes... Que vida vae ser a delles!... Ora! viverão como Deus com os anjós! O Nogueira não se casou com a Esther: casou-se com o dinheiro della!

DR. LEMOS — Coitados... tenho pena... A vida é má... muito má... a morte não é tão cruel... (Erguendo-se) Você foi implacavel, Marcello... mas comprehendendo... desaggravou-se... foi um desaggravo!...

MARCELLO — E um allivio! Toque de campainha. Marcello estremece).

DR. LEMOS — Serão elles? (Vae abrir a porta. Entram Valdez e Adosinda).

SCENA VII

Marcelo, Dr. Lemos, Valdez, Adosinda e depois Manoel

(Scena muda. Adosinda vae abraçar e beijar o padrinho. Valdez, aperta a mão do Dr. Lemos; depois vae apertar a de Marcello, que o abraça comovido. Adosinda tem ido sentar-se á esquerda. O Dr. Lemos e Valdez afastam-se para o fundo. Marcello aproxima-se de Adosinda. Ella estremece).

MARCELLO (Pôr traz de Adosinda, com as mãos nas costas da cadeira em que ella está sentada) — Adosinda... Mandei chamal-a para entregar-lhe o governo desta casa, que é nossa... Eu amo-a... amo-a como nunca a amei!... Fui injusto... fui máo... perdôe! A minha dignidade precisava de um desaggravo... Agora sim, agora poderemos ser felizes!

ADOSINDA — Felizes?... Não me parece, Marcello... Entre nós haverá sempre uma sombra que não nos deixará ser felizes... E' melhor continuarmos a viver separados...

MARCELLO — Separados? Oh! não! nunca! (Caindo de joelhos) Aqui me tens humilde e supplicante... Se ainda me amas...

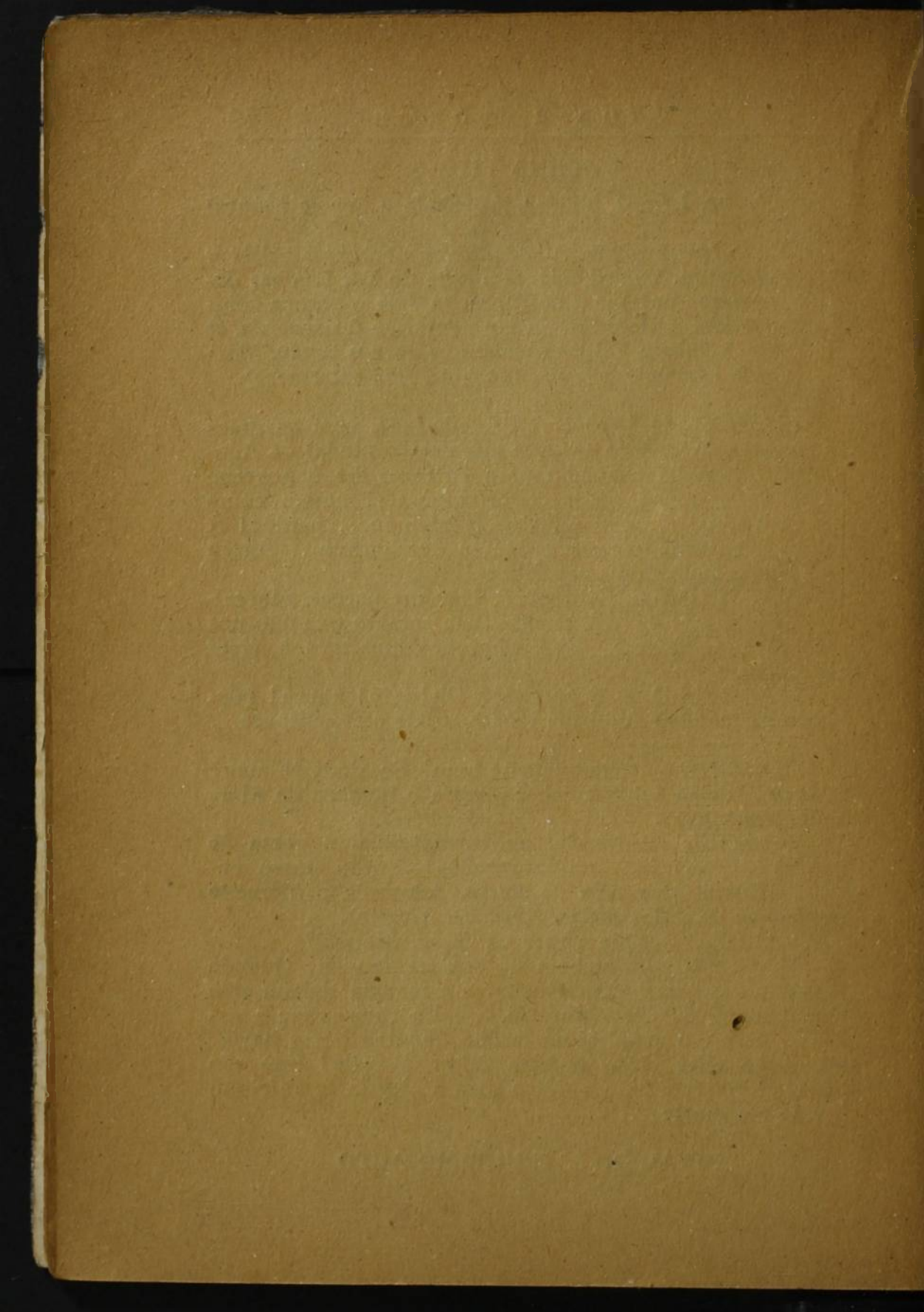
ADOSINDA — Se ainda te amo? Se ainda te amo? (Chora e deixa cahir a cabeça sobre o hombro de Marcello. Pausa).

MANOEL (Entrando, ou entreabrindo a porta do fundo) — Ah! já estão abraçados? Então posso entrar! (Entra carregado de flores. Adosinda e Marcello erguem-se de mãos dadas. Abraços. Alegria).

VALDEZ — Que vieste cá fazer, Manoel?

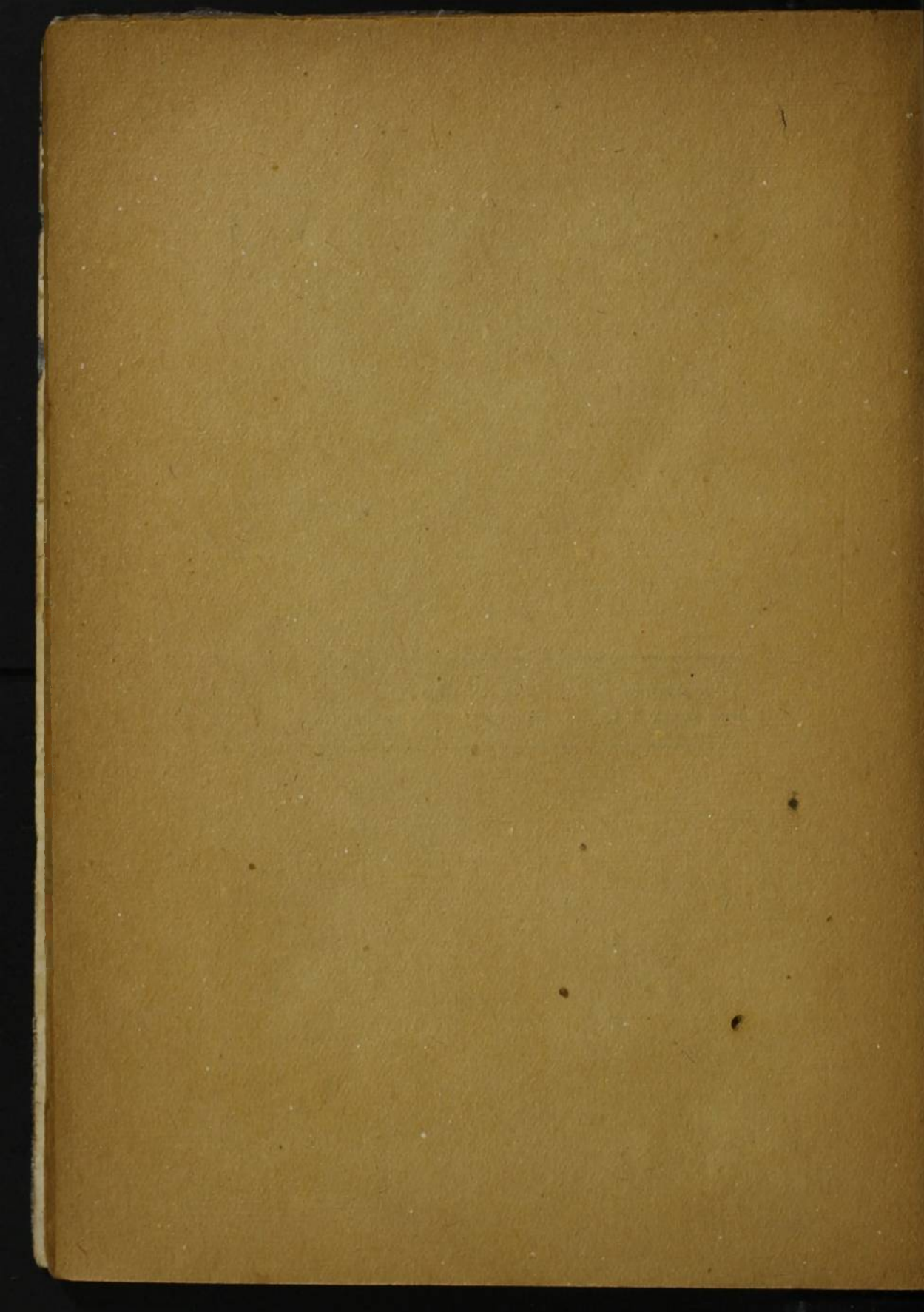
MANOEL — Tambem eu sou da familia. Quando soube que o "sor" Commenador e a menina tinham sido chamados pelo "sor" Marcelo, a coisa cheirou-me a pazes... e fui eu apanhei no jardim quantas flores havia. Cá estão ellas. Não podiam faltar á festa! São tão boas!... Servem para a dôr e para a alegria... enfeitam a vida e a morte...

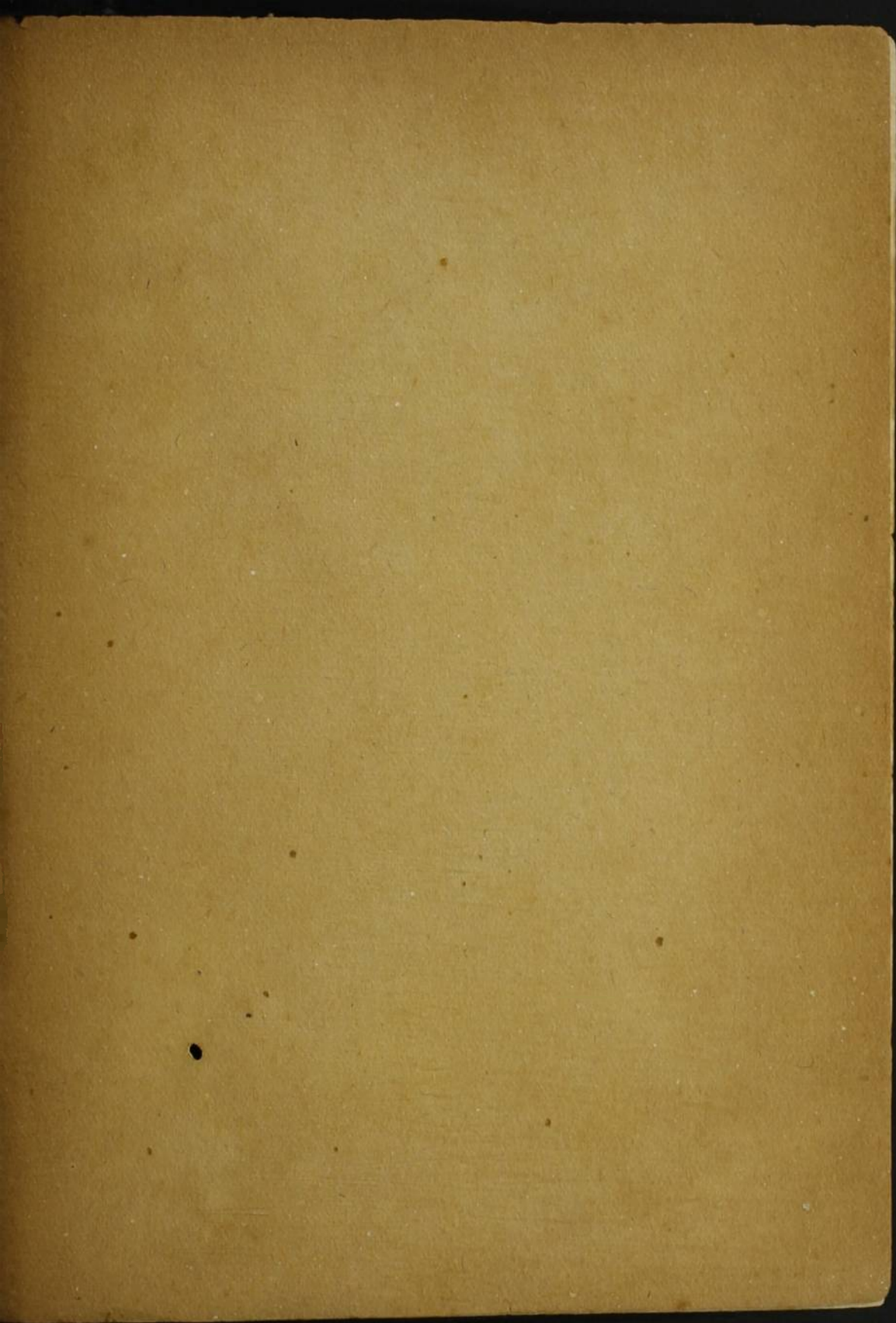
FINAL DO 3.º E ULTIMO ACTO



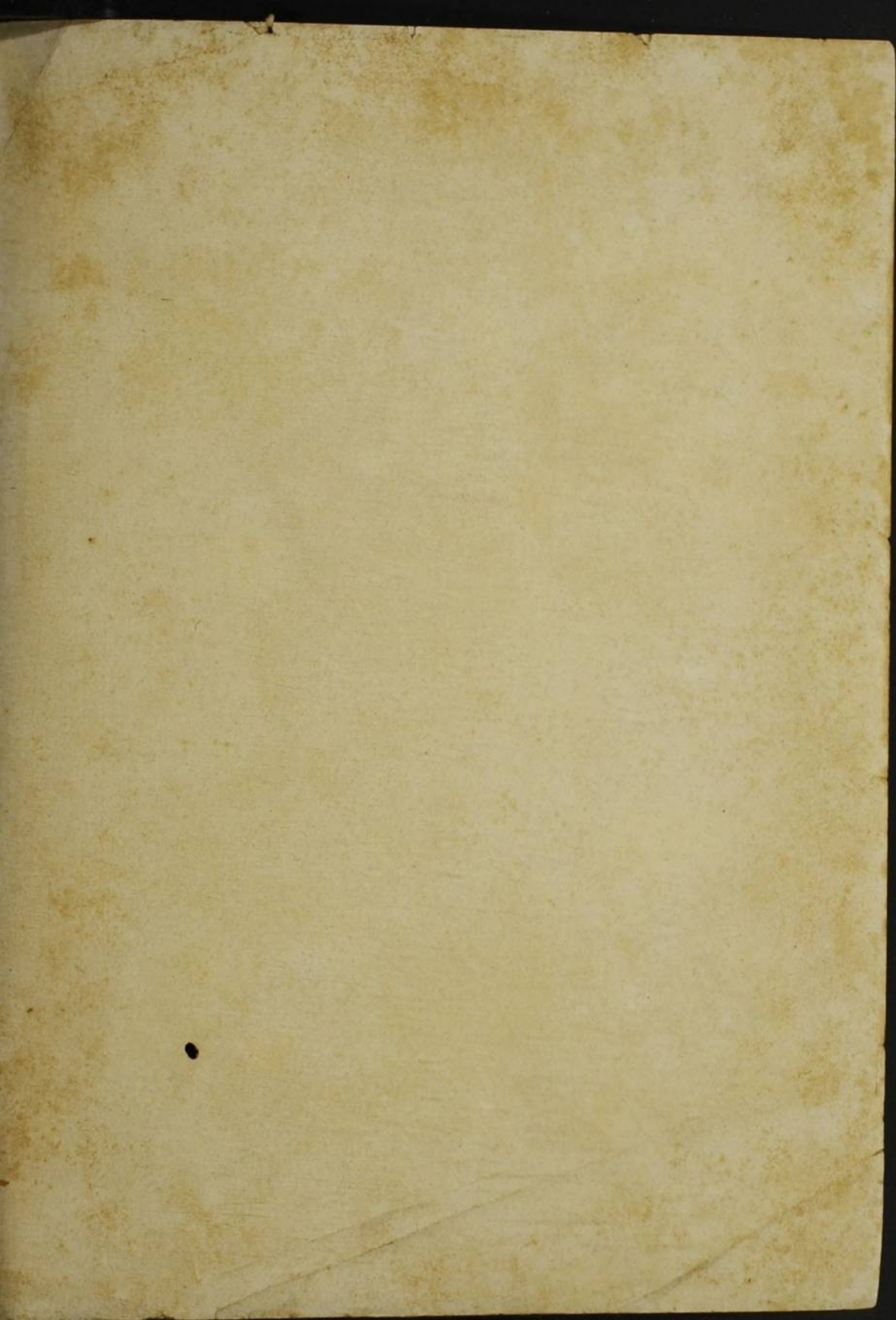
Typographia e Papelaria Coelho

Rua Pedro I, 17 — Officinas: Silva Jardim, 25





4515



A SEGUIR:

SAUDADE

de Paulo Magalhães

JÁ PUBLICADAS:

- N. 1 — SANGUE GAUCHO
de Abadie Faria Rosa
- N. 2 — A DESCOBERTA DA AMERICA
de Armando Gonzaga
- N. 3 — NÃO ME CONTE ESSE PEDAÇO!
de Miguel Santos
- N. 4 — O INTERVENTOR
de Paulo Magalhães
- N. 5 — ONDE CANTA O SABIA'
de Gastão Tojeiro
- N. 6 — O CHA' DO SABUGUEIRO
de Raul Pederneiras
- N. 7 — O VENDEDOR DE ILUSÕES
de Oduvaldo Vianna
- N. 8 — O AMIGO TERREMOTO
de Renato Alvim e Nelson de Abreu
- N. 9 — O PULO DO GATO
de J. A. Baptista Junior
- N. 10 — BOMBONZINHO
de Viriato Corrêa
- N. 11 — SENHORITA 1927
de Mario Domingues
- N. 12 — PRIMINHO DO CORAÇÃO
de M. Santos e L. Iglesias
-

PREÇOS:

Na Capital 1\$000
Nos Estados 1\$500

Depositarios e distribuidores:

FLORES & MANO
Rua do Ouvidor, 145—Rio